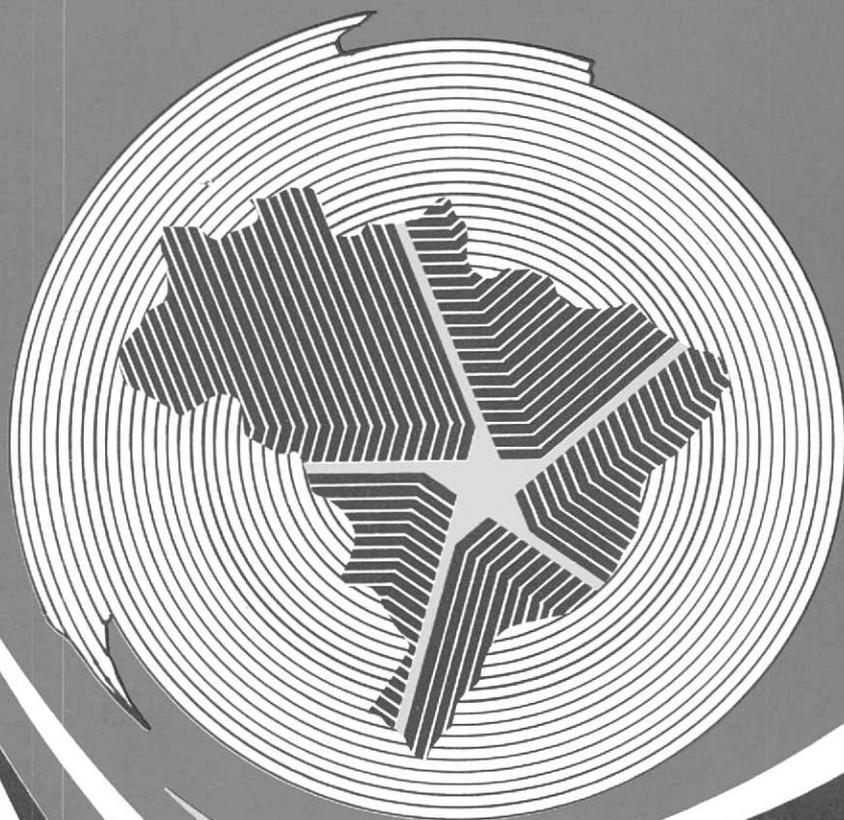


VIAGEM DO PRESIDENTE

REGISTRO HISTÓRICO
REPERCUSSÕES

GEISEL AO MÉXICO



ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
JANEIRO 1978

VIAGEM DO PRESIDENTE GEISEL AO MÉXICO

O Presidente Ernesto Geisel, em janeiro de 1978, visitou a República dos Estados Unidos Mexicanos, em atenção ao convite do Presidente José Lopez Portillo, retribuindo a visita que o ex-Presidente daquele país, Luis Echeverria Alvarez, fizera ao Brasil em julho de 1974. E, como afirmou antes de viajar, para verificar se é possível juntar um pouco mais o Brasil e o México, e por acreditar que no campo econômico muita coisa se pode fazer no sentido de complementar as economias de ambos os países, com benefícios recíprocos.

No México, onde permaneceu de 14 a 18 de janeiro, o Presidente Ernesto Geisel manteve duas reuniões com o Presidente José Lopez Portillo, recebeu várias homenagens, assistiu a espetáculos artísticos, visitou locais turísticos, assinou uma nota conjunta e tratados econômicos e culturais, após muitas reuniões de trabalho com as autoridades mexicanas.

A visita proporcionou o estabelecimento de uma nova estrutura, no relacionamento político e econômico-comercial entre os dois países.

Índice

1.º DIA DE VIAGEM	
Chegada ao México	3
Saudação do Presidente Lopez Portillo	3
O Presidente Geisel Agradece	4
No Hotel "El Presidente"-Chapultepec	4
2.º DIA DE VIAGEM	
Visita a San Juan de Teahuatican	6
No Palácio de Belas Artes: O Balé Folclórico	6
3.º DIA DE VIAGEM	
No Monumento da Independência	7
A Primeira Reunião	7
Almoço na Embaixada	8
Visita ao Museu Arqueológico	8
Recepção na Prefeitura	8
Visita à Imprensa	10
Banquete com 600 Convidados	10
Discurso do Presidente Lopez Portillo	11
Discurso do Presidente Geisel	13
4.º DIA DE VIAGEM	
A 2.ª Reunião dos Presidentes Geisel e Lopez Portillo	18
No Lenzo Charro Del Pedregal	18
O Presidente Geisel Responde ao Regente	19
Banquete em Homenagem ao Presidente Lopez Portillo	19
Saudação do Presidente Geisel	20
O Presidente Lopez Portillo Agradece	20
5.º DIA DE VIAGEM	
Entrevista à Imprensa	22
Na Residência de Los Pinos	32
As Despedidas	32
A Comitiva que foi ao México	32
APÊNDICE	
Declaração Conjunta Brasil-México	34
Extrato de Acordos e Convênios Firmados com o México	38
Avaliação da Visita Segundo o Ministério das Relações Exteriores	38
A Imprensa Mexicana e a Viagem	39
A Imprensa Brasileira e a Viagem	40

Às 17h30m do dia 14 de janeiro, a aeronave presidencial, depois de duas escalas técnicas, uma em Boa Vista, no Território de Roraima, e outra em Mérida, já em território mexicano, pousava no Aeroporto Benito Juárez, na cidade do México. O Presidente Ernesto Geisel, acompanhado de sua mulher Lucy e sua filha Amália Lucy, ao desembarcar, foi recebido pelo Presidente José Lopez Portillo, sua mulher Carmem Romano e por sua filha Carmem.

Mais de mil pessoas se encontravam no aeroporto. Populares agitavam bandeiras do México e do Brasil, uma orquestra de "mariaches" (músicos folclóricos mexicanos) tocava, enquanto as autoridades trocavam cumprimentos. Após o desembarque de toda a delegação, uma banda tocou os hinos nacionais do Brasil e do México.

Saudação do Presidente Lopez Portillo

O Presidente José Lopez Portillo assim saudou o visitante:

"Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Senhora Geisel.

As relações entre o México e o Brasil ultrapassam simples tratamento oficial e as relações de intercâmbio. Vemos no Brasil um povo irmão e que admiramos por seu sentido de vida, sua cultura, suas potencialidades, sua alegria e sua música, suas capacidades, todas tão próximas do nosso povo.

Vocês constituem o país mais extenso da América Latina e, como o México, o mais povoado. Temos raízes similares e problemas parecidos. Terras destinadas à mescla e à integração, tivemos que sofrer em nossa história as mesmas questões, as mesmas necessidades, os mesmos problemas.

Nos identificamos, pois, ambos os países, somos países de futuro e com futuro. Aprender a defender nossos problemas e a resolvê-los, mantendo nossa independência política e econômica, é uma meta comum. E nessa meta comum, temos que tornar útil a convivência, resolver seus problemas de liberdade, de justiça, de igualdade, com respeito ao direito fundamental de nossa autodeterminação. Por esse caminho queremos encontrar o Brasil, para integrarmos-nos em nossa América Latina, o sonho de Bolívar, a respeito do qual temos que dar passos sólidos que ultrapassem as simples declarações exaltadas e se concretizem em atos positivos que permitam tornar mais consistente o nosso esforço comum.

Isso, fundamentalmente, esperam os nossos povos desta reunião: que acertemos a consolidação, o fortalecimento, o aprofundamento de nossas relações, que possamos combinar nossos esforços. A unir-nos e já não estar mais separados pela geografia, como até agora. Muitas importantes tarefas teremos pela frente, Senhor Presidente. Estou absolutamente certo que desta reunião nossos povos tirarão benefícios positivos. Sejam, Senhor Presidente e Senhora Geisel e honrada comitiva, bem-vindos ao México.

O Presidente Geisel Agradece

O presidente Ernesto Geisel, em seguida, com estas breves palavras, agradeceu a saudação:

"A visita que hoje inicio simboliza o apreço e o respeito do povo e do Governo brasileiro pelo México e testemunha também, a amizade fraterna que nos une, brasileiros e mexicanos, em nossa comum identidade latino-americana. As afinidades entre os nossos dois povos transcendem a coincidência de preocupações conjunturais, políticas ou econômicas, para desabrochar no amplo domínio da sensibilidade humana e dos valores culturais que compartilhamos.

Sob a dinâmica liderança de vossa excelência — Senhor Presidente Lopez Portillo — a nação mexicana se dirige, a passos largos, para a concretização de ideais nacionais de liberdade, de justiça e progresso. O Brasil acompanha com admiração a luta histórica que o México empreende para afirmar tais ideais e regozija-se pelas magníficas realizações que seu povo já alcançou.

Como latino-americanos, sabemos valorizar, no Brasil, as clássicas virtudes do povo mexicano — o sentido de dignidade, de cortesia e coragem — qualidades que alentam nosso convívio, facilitam o diálogo e estimulam a amizade constante.

Países complexos, herdeiros de diferentes e ricas contribuições étnicas e culturais, o Brasil e o México reúnem condições privilegiadas para reforçar os laços de fraternidade, para participar ativamente no cenário latino-americano e para enfrentar, de forma criativa e responsável, os desafios que o sistema internacional diariamente a ambos impõe.

Minha presença no México é sinal ostensivo de nossa solidariedade e da comunhão latino-americana dos valores que defendemos — independência nacional, igualdade soberana, não-ingerência e respeito mútuo — asseguram que nosso diálogo há de ser profícuo e que nossos entendimentos, nesta histórica e belíssima cidade, hão de balizar o caminho da amizade e da cooperação entre os nossos países. É este, Senhor Presidente, o espírito de minha visita."

No Hotel "El Presidente" -Chapultepec

Depois de apresentar ao Presidente do México os elementos de sua comitiva, o Presidente Ernesto Geisel passou em revista as tropas ali postadas em sua homenagem. Em seguida, o Presidente José Lopez Portillo apresentou os membros do seu governo aos brasileiros.

O Presidente Geisel, a esposa e filha, acompanhados de sua comitiva, em seguida, partiram para o Hotel "El Presidente"-Chapultepec, onde ficariam hospedados durante todos os dias da visita.

Em todo o percurso, até o hotel, as ruas apresentavam-se enfeitadas com bandeiras dos dois países e cartazes com o retrato dos dois presidentes e das primeiras-damas. No saguão de entrada do hotel o casal Lopez Portillo despediu-se do Presidente brasileiro, esposa e filha.

Às 18h30m a família presidencial do Brasil subia ao 42.º andar, suite 4201, onde jantou e depois reco!heu-se.



Chegada ao Aeroporto Benito Juarez, na Cidade do México.

Visita a San Juan de Teohuatican.



Visita a San Juan de Teoahuatican

Após o almoço, no dia seguinte, 15 de janeiro, o Presidente Geisel, sua esposa e filha e a comitiva brasileira seguiram em confortável ônibus turístico para San Juan de Teoahuatican, distante 55 quilômetros do centro, onde chegaram às 15h45m e foram recebidos pelo arqueólogo Eduardo Peryon, que acompanhou o casal Geisel durante toda a visita àquela zona arqueológica, uma das maiores atrações turísticas do México.

De braço dado com sua mulher, o Presidente Geisel percorreu "La Ciudadela", centro da vetusta cidade, enquanto ouvia as explicações do cicero- ne, sobre aqueles monumentos que contam mais de 2.500 anos, erguidos pelo povo Tolteca, destruídos parcialmente por volta de 650 D.C., durante uma revolta popular, e posteriormente reconstruídos.

Visitou a "Pirâmide do Sol", em seguida a "Pirâmide da Lua", esta bem menor que a anterior, e percorreu em seguida o "Palácio de Quetzal-coatl", o das "Mariposas", o do "Labirinto" e por fim o dos "Emplumados".

Enquanto o Presidente do Brasil, em traje esportivo, seguia com a sua mulher pelas ruas de San Juan de Teoahuatican, sua filha Amália Lucy seguia bem atrás, tirando fotos dos monumentos históricos. Sem dúvida um vivo e impressionante testemunho da civilização azteca.

Às 18h30m a comitiva retornava ao Hotel "El Presidente"-Chapultepec.

No Palácio de Belas Artes: O Balé Folclórico

À noite, por volta das 21 horas, o casal Geisel chegava ao Palácio de Belas Artes, para assistir ao Balé Folclórico do México, em companhia do Presidente Lopez Portillo e sua esposa.

Os casais foram recebidos à porta do teatro pelo chanceler Santiago Roler e pelo secretário de Educação Pública, Fernando Solana Morales. Após ouvirem os hinos nacionais dos dois países, os quatro dirigiram-se ao camarote de honra, e quando surgiram naquele local a platéia, de 2.000 pessoas, colocou-se de pé e aplaudiu demoradamente.

Durante o intervalo dos números de dança apresentados, os componentes do balé subiram ao camarote presidencial e cumprimentaram os casais Ernesto Geisel e Lopez Portillo.

O Palácio de Belas Artes, construído em mármore de Carrara, ornamentado com esculturas de Bistolfi, Boni e Querol, foi alvo de admiração do Presidente Geisel e esposa.

Terminado o espetáculo, à porta do teatro, o Presidente Portillo e esposa despediram-se do Presidente Geisel e sua mulher. Às 23 horas eles chegavam ao hotel para o pernoite.

O segundo dia da visita ao México chegava ao fim.

3.º DIA DA VIAGEM – 16 de janeiro de 1978

No Monumento da Independência

A 1ª. reunião com o Presidente Lopez Portillo

Almoço na Embaixada

Visita ao Museu Arqueológico

Recepção na Prefeitura

Visita à Imprensa

Banquete com 600 convidados

Discurso do Presidente Lopez Portillo

Discurso do Presidente Geisel

No Monumento da Independência

No seu terceiro dia no México, o Presidente Geisel iniciou logo pela manhã o seu programa oficial.

As 10h20m saía do Hotel "El Presidente"-Chapultepec, e logo depois chegava ao Monumento da Independência, situado no "Paseo de la Reforma", em uma praça defronte àquela avenida, a mais importante da cidade do México.

Na pira existente sob o monumento erguido em homenagem aos heróis da independência mexicana, o Presidente do Brasil depositou uma coroa de flores, com uma faixa verde-amarela, com os dizeres: "Do Presidente do Brasil aos Heróis da Independência". A coroa lhe fora entregue, assim que chegou ao local, por oficiais das três Armas do Brasil.

O Presidente Geisel, ladeado pelo Chanceler Roel Garcia e pelo Regente (prefeito) da Cidade do México, Carlos Hank Gonzales, ouviu o toque de silêncio que foi seguido pelos hinos do Brasil e do México.

Em seguida o Presidente do Brasil dirigiu-se ao lado esquerdo do monumento, onde estava colocado o livro de honra para os visitantes, e nele escreveu as seguintes palavras:

"A Pátria é a construção do povo, é o resultado da conjugação dos esforços de cada cidadão. Há em toda geração, porém, aqueles que têm a vocação ou privilégio de darem de suas vidas mais do que o comum dos homens para que triunfem os valores superiores que cimentam a Nação. A esses é justo que se rendam sempre as homenagens dos que se beneficiem de seus feitos. Aos heróis mexicanos, que são heróis de toda a latinidade americana, dedico a admiração e o reconhecimento do povo brasileiro".

A cerimônia no Monumento da Independência foi muito singela, e talvez por isso muito tocante. Não durou 10 minutos.

Do monumento aos heróis da independência do México, o Presidente Geisel dirigiu-se ao Palácio da Constituição, para a primeira reunião com o Presidente José Lopez Portillo.

A Primeira Reunião

Às 11 horas da manhã do dia 15, o Presidente Ernesto Geisel era recebido no Palácio da Constituição pelo Presidente do México, que o aguardava no segundo andar do prédio.

Depois da troca de um forte aperto de mãos, os Presidentes sentaram-se e posaram para as fotos oficiais do encontro, do qual participaram também os Chanceleres e Embaixadores dos dois países, e um diplomata do Brasil e outro do México.

A reunião, que estava prevista para durar uma hora e meia, demorou duas horas e dez minutos.

Almoço na Embaixada

Após o encontro, o presidente Geisel seguiu para a Embaixada do Brasil, onde participaria de um almoço.

Às 13h30m chegou ao edifício da rua Sierra Leona, 1320, sede da Missão Diplomática brasileira.

À porta da Embaixada o Presidente foi recebido pelo Embaixador do Brasil no México, Lauro Escorel Rodrigues de Moraes, e Senhora.

Terminado o almoço, que se realizou no jardim da residência, o Presidente Geisel reuniu-se com empresários brasileiros, ocasião em que afirmou ao presidente da Confederação Nacional da Indústria do Brasil, Domicio Veloso: "Temos que nos entender cada vez melhor, porque há um interesse maior que é o do Brasil. Há necessidade de um trabalho comum entre a iniciativa privada e o Governo".

Visita ao Museu Arqueológico

Eram 16 horas quando o Presidente Geisel, a sua mulher Lucy e sua filha Amália Lucy chegaram ao Museu Nacional de Antropologia e História, no qual foram recebidos pelos antropólogos Felipe Solís e Amália Cardoso.

Acompanhada por aqueles cientistas, a família Geisel percorreu o museu. Enquanto admiravam as peças expostas, ouviam as explicações pormenorizadas da fundação de Tenochtitlan, a história do Caballero Aguila, da organização econômica do tempo dos aztecas e da cultura maia.

Por vezes, o Presidente interrompia as explicações dos arqueólogos e formulava perguntas sobre as peças que mais lhe chamavam a atenção.

Depois de percorrerem as salas México e Maia, após uma hora de visita, o Presidente Geisel, sua mulher e filha, à saída, assinaram o livro de visitantes.

Recepção na Prefeitura

Às 18 horas, o Presidente Geisel chegava ao Departamento do Distrito Federal, onde foi recebido pelo Regente (prefeito) da cidade do México, Carlos Hank Gonzalez, que o conduziu para o Salon de Cabildos, enquanto, no pátio interno do edifício, uma orquestra tocava músicas brasileiras e mexicanas.

A seguir, o Secretário do Conselho Consultivo da Cidade do México, Antonio Cardenas, leu o decreto que concedia ao Presidente do Brasil o título de Hóspede Ilustre. O documento, impresso em pergaminho, lhe foi entregue pelo Regente da cidade, acompanhado de uma medalha com o escudo e as chaves da cidade.

O Regente Carlos Hank Gonzalez pronunciou breves palavras saudando o visitante, nas quais destacou o respeito, a veneração e a simpatia que os mexicanos têm "pelo país que o Senhor governa", e concluiu por afirmar "que os princípios fundamentais da doutrina internacional do México são de respeito por todos os povos do mundo, mas a essa doutrina se acrescenta a natural simpatia e o calor humano que nos fazem sentir nossos irmãos brasileiros tão perto dos nossos corações".

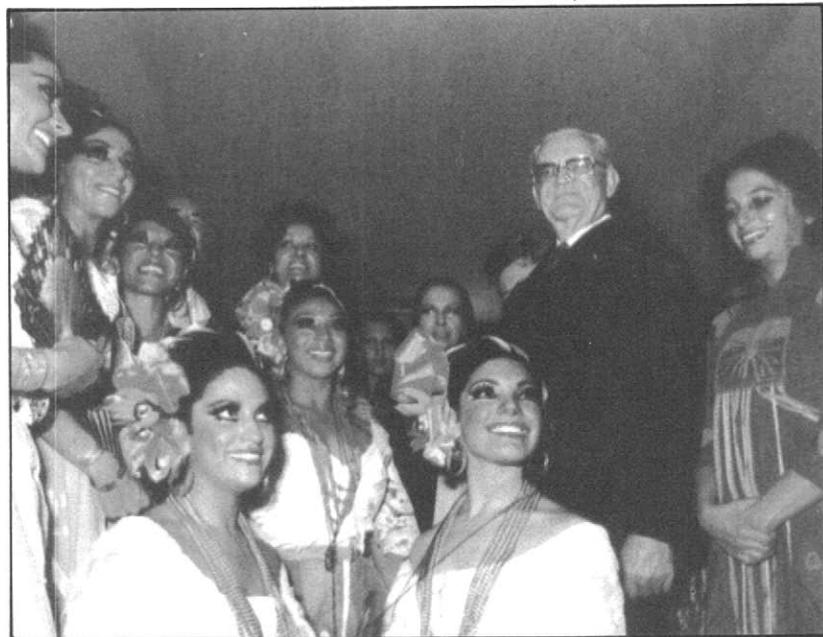
O Presidente Geisel agradeceu a saudação com as seguintes palavras: "Senhor Chefe do Departamento do Distrito Federal.

Agradeço reconhecido e honrado a distinção que Vossa Excelência me concede ao fazer-me entrega das chaves da cidade do México e ao declarar-



Recepção na Embaixada do Brasil.

O Presidente Geisel e os componentes do balê folclórico.



me hóspede oficial desta bela Capital. Elas traduzem gesto cordial de Vossa Excelência e serão por mim guardadas com particular cuidado e satisfação.

Os momentos que aqui passamos, Senhor Regente, constituem para mim, para minha família e para os meus acompanhantes, momentos involvidáveis de prazer humano, estético e profissional.

O calor da amizade revelado pelos mexicanos para seus visitantes brasileiros tem sido contínuo e expressivo. Isso não nos surpreende, pois sabidas são as qualidades de generosidade do nobre povo deste país. Posso assegurar que, de nossa parte, sentimentos de cordialidade devotamos também a nossos hospedeiros.

Tampouco nos têm faltado riquíssimas emoções no plano estético, desde o deslumbramento que a todos há de sempre causar o espetáculo cênico do conjunto arquitetural de Teotihuacan, da encantadora apresentação do balé folclórico mexicano até o raro virtuosismo museológico que constitui o Museu Nacional de Antropologia e História, de onde acabamos de sair. Mas é a cidade inteira, em suas variegadas feições, tão bem sintetizadas na Praça das Três Culturas, que nos mantém sob incessante impacto de beleza.

No plano político, a cordialidade dos encontros que tenho mantido com o Presidente José Lopez Portillo e demais autoridades mexicanas, confirma a certeza da excelente comunidade de pontos de vista entre nossos governos sobre os magnos problemas da vida internacional e continental.

Por isso tudo, hoje é um dia marcante para mim.

Peço a Vossa Excelência que seja o intérprete, junto ao povo da cidade do México, do meu grande apreço e do meu mais comovido reconhecimento pelas homenagens que, em minha pessoa, foram prestadas a meu país.

A Vossa Excelência, meu sincero e profundo agradecimento."

Antes de sair do Departamento do Distrito Federal, o presidente parou na amurada que dava para o pátio interno do prédio, e por alguns instantes ficou ouvindo a orquestra que tocava "Cielito Lindo".

Visita à imprensa

Ao chegar ao Hotel "El Presidente" - Chapultepec, ao invés de subir para sua suíte, o Presidente Geisel dirigiu-se à Sala de Imprensa, montada no saguão, onde cumprimentou os jornalistas.

Na conversa informal que se seguiu, o Presidente Geisel perguntou aos repórteres se estavam tendo muito trabalho, uma vez que, afirmou, não podiam queixar-se de falta de notícias. Um dos jornalistas disse que ainda não se sabia quais tinham sido os assuntos discutidos entre os dois Presidentes no encontro daquela manhã. Ao que o Presidente Geisel respondeu: "Vocês ficarão sabendo".

O Presidente pediu, a seguir, para ver as fotos de seu encontro com o Presidente do México. Depois subiu para os seus aposentos.

Banquete com 600 convidados

À noite, às 21 horas, o casal Geisel chegava à Secretaria das Relações Exteriores, para participar do banquete que o Presidente José Lopez Portillo oferecia em sua homenagem, do qual iam participar 600 convidados.

Na sala contígua ao salão de banquetes, o Presidente Lopez Portillo e esposa e o Presidente Geisel e esposa trocaram presentes, ocasião em

que o Presidente do Brasil foi agraciado com o Grande Colar da Ordem Azteca, honraria com a qual o Governo mexicano distingue as altas personalidades estrangeiras.

Assim que os casais Geisel e Lopez Portillo entraram no salão, a orquestra executou os hinos nacionais do México e do Brasil. Em seguida teve início o jantar.

Discurso do Presidente Lopez Portillo

Enquanto era servida a sobremesa, o Presidente José Lopez Portillo saudou o Presidente Geisel com o seguinte discurso:

“Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Senhora Geisel, Senhoras e Senhores.

O México se sente honrado por esta visita de brasileiros. Ao receber Vossa Excelência, abrimos as portas do afeto a esse povo querido que é criação e alegria, grandeza espiritual e material e, sobretudo, um povo irmão.

Brasil e México estão unidos por natureza, estamos unidos pela origem, pela história e por uma problemática comum, que nos indica mais ainda que a possibilidade, o imperativo de um destino comum.

Somos ambas comunidades mestiças. Compartilhamos antecedentes ibéricos no amálgama de nossas raças novas. Somos produtos de antigas civilizações que, mescladas, geraram culturas originais com dinâmica própria, com capacidade para definir, por si mesmas, soluções adequadas a sua natureza peculiar. Povos que conhecem a escravidão e a submissão, têm por definição mesma uma vocação congênita à autonomia como grupos e à liberdade individual e coletiva.

O México, que construiu a sua nacionalidade vencendo obstáculos geográficos, integrando povoações dispersas, criando valores e instituições próprias, pode bem aquilatar o formidável esforço complementador, conduzido a partir da estreita faixa atlântica até o coração do continente, para a formação dessa hoje vigorosa Nação Brasileira.

Respeitamos o Brasil que representa a singular epopéia, que parecia impossível, de fazer florescer a civilização contemporânea no âmbito tropical. Admirável povo brasileiro que não se deixou subjugar pela violência da selva, a imensidão de suas barreiras naturais, a magnitude das distâncias, que transforma e tudo domina — esforço secular do bandeirante, coragem do sertanejo, atividade febril do paulista — para converter sua vasta geografia em morada onde florescem a agricultura e a indústria, a ciência e as artes. Pujança de São Paulo unida às investigações do Instituto Oswaldo Cruz, à imaginação de Aleijadinho, à arquitetura de Oscar Niemeyer, à música de Heitor Villa Lobos, aos pincéis de Cândido Portinari e às páginas de Machado de Assis, ou de Carlos Drummond de Andrade. Toda essa cultura que sintetiza a tradição secular, a natureza e a atualidade deslumbrante, o trabalho e a fecunda imaginação. Como não nos sentirmos irmanados a esse impulso criativo, os mexicanos, que cotidianamente realizamos nossa identidade na conjunção do autóctone e o universal, em todos os campos da vida social?

Fator, também, que nos vincula, por seus efeitos persistentes, é o haver sofrido um colonialismo semelhante que deixou traços profundos, herança fértil pelos valores assimilados, mas ao mesmo tempo de formação estrutural de dependência três vezes centenária. Chegamos à independência política com a grave desvantagem de havermos sido constringidos à condi-

ção de provedores de matérias-primas para centros de consumo distantes e ocupados depois na árdua tarefa de integração nacional, a conquista de nossos próprios territórios e a organização interna. Iniciamos com atraso a difícil cruzada de transformar os sistemas produtivos estabelecidos para a submissão, em organizações para assegurar a liberdade e a independência econômica.

Pertencemos, ambos os povos, à comunidade latino-americana desde sua gestação com um definido desejo de unidade, a esse grupo de países profundamente afins que dividem o sentimento de uma imperiosa necessidade de concentrar esforços e que, no entanto, permanecem no desconcerto pela ação desintegradora de novas hegemonias.

Os caminhos de nossos países foram cocebidados para a submissão e não para o desenvolvimento; ligaram-nos a metrópoles impostas, não nos ligaram a vizinhos e a irmãos. Fomentaram diferenças e quiseram ocultar semelhanças; transformaram-nos em ferozes competidores quando, em nosso interesse, devemos ser complementares. E, apesar de tudo, a vitalidade de nossos povos nos aproxima ao conjunto da desejada unificação. Integrando nosso enorme potencial e concertada nossa ação, podemos vencer obstáculos, negociar fortalecidos e enfrentar com êxito as enormes carências de nossos povos para alcançar os mais altos níveis de civilização e bem-estar com justiça.

Sua presença no México, Senhor Presidente Geisel, é uma demonstração dessa consciência fraternal. Passamos em revista, juntos, a importante gama de pontos de contato, de áreas de cooperação, de fatores de apoio mútuo. Abrimos nossos canais de entendimento.

Muitos são os pontos na área econômica nas quais a complementação do produto dos recursos e do trabalho brasileiro e mexicano pode revigorar nossas capacidades. Podemos nos apoiar na siderurgia, na indústria de base e de bens de capital, assim como na energética e na petroquímica. O intercâmbio de produtos agrícolas e manufaturados facilitará o abastecimento e nos permitirá lutar contra a fixação arbitrária de preços e as injustas barreiras protecionistas. A possibilidade de complementação à base de co-inversões é ampla: exploremos este campo a nível dos setores públicos e privados. Nosso comércio já é importante e pode ser incrementado a níveis muito superiores, buscando o benefício mútuo. A colaboração científica e técnica oferece semelhanças, nos enriquecerá sem dúvida, e afirmará os mais positivos de nossos valores. Estamos conscientes de que, para tanto, é indispensável ampliar nossa cooperação nas comunicações e nos transportes para a unificação física.

E, se nas relações bilaterais, temos reafirmado elementos comuns, é lógico encontrar em nosso desempenho, nos diversos foros internacionais, importantes coincidências que haveremos de fortalecer e multiplicar.

A posição internacional do México é invariável porque deriva de uma honesta projeção da filosofia que o povo plasmou na constituição que nos rege. Pugnamos pelo respeito às soberanias, à não-intervenção, à igualdade jurídica dos Estados. O fortalecimento de nosso vínculo com as nações irmãs, no bilateral e no multilateral, para criar uma interrelação de apoio, de verdadeira cooperação regional e sub-regional, na qual não existam supremacias nem predomínios, e sim irmandade e ajuda, não somente visto como posição altruísta, mas também como interesse de todos, como uma via prática para superar nossas respectivas limitações e poder competir em um mundo de blocos e de mercados integrados.

Desejamos o estabelecimento definitivo da paz mundial; acreditamos na possibilidade da solução pacífica de toda controvérsia; consideramos que

as soluções de força são uma ameaça para toda a humanidade, manifestações de vontade de dominação que reclamamos desde que alcançamos a independência nacional, e por isso mesmo, pugnamos pelo fim da corrida armamentista e pela não proliferação de instrumentos nucleares de extermínio.

Apegados a nossa concepção interna de democracia, de liberdade e de justiça, censuramos a ordem econômica mundial estabelecida em detrimento das nações em desenvolvimento e não poupamos esforços na luta pacífica por sua transformação para alcançar a democracia internacional política e econômica.

Senhor Presidente:

Receba do povo do México uma mensagem de amizade sincera.

Suas palavras de cordialidade para conosco, os propósitos que expressou em favor da concórdia e da aproximação, foram ouvidos com beneplácito e profundo interesse. Receba Vossa Excelência, além disso, a certeza de que existe uma autêntica solidariedade do povo mexicano com os esforços desse nobre povo brasileiro, sentimento que se arraiga em uma identidade profunda e transcendente."

Discurso do Presidente Geisel

Depois dos aplausos que se seguiram ao discurso do Presidente do México, assim falou o Presidente Ernesto Geisel:

"As palavras com que Vossa Excelência distinguiu meu País e a mim calaram fundo no espírito de todos os brasileiros aqui presentes. Da mesma forma, a acolhida calorosa, amiga e aberta que nos foi dada, desde que pisamos esta terra, é motivo para que fiquemos sumamente reconhecidos ao povo e ao Governo mexicanos e pessoalmente a Vossa Excelência.

A cortesia e a gentileza no trato estão entre as grandes virtudes que o povo mexicano tem evidenciado através de sua rica e complexa história, virtudes que nós, da América Latina, sabemos reconhecer, assim como respeitamos e apreciamos a extraordinária tradição mexicana de coragem e de dignidade nacional. O convívio com a gente deste País inspira e alenta. Os votos morais e espirituais do povo, a criatividade de sua cultura e de sua arte, bem como a determinação demonstrada em sua pertinaz luta pela independência e pelo progresso, constituem um estímulo para as nações que enfrentam desafios semelhantes na rota de sua liberdade política e desenvolvimento econômico e social.

O convite que Vossa Excelência me dirigiu para visitar seu País foi recebido com extremo agrado no Brasil e nossa pronta aceitação evidencia o cabedal de simpatia pelo México que sempre existiu entre os brasileiros.

Logo nos primeiros meses de meu Governo, tive a honra e prazer de receber em Brasília o ilustre antecessor de Vossa Excelência, o Presidente Luiz Echeverría Alvarez. Guardo daquela visita a grata recordação de que a mesma se constitui num importante marco do processo de estreitamento das relações entre nossos dois países, não só no contexto bilateral, mas também no de nossa atuação no Continente. O próprio Presidente Echeverría assinalou, então, que sua ida ao Brasil ratificava uma vocação de fraternidade latino-americana e que sua visita aspirava a cumprir um encontro histórico entre dois povos. Foi nesse espírito e com o fim de melhor disciplinar o nosso crescente intercâmbio, que concluímos, naquela oportunidade, uma série de instrumentos. Em seu conjunto, os acordos então assinados abriram caminho para que, agora, possamos dar um impulso maior às nossas relações.

Senhor Presidente.

Coincidimos com as declarações de Vossa Excelência no sentido de que os atuais problemas mundiais não correspondem a uma perturbação transitória da vida internacional, mas a um vasto abalo em sua estrutura e que anuncia grandes modificações na economia, na cultura, nas relações entre os povos e, ainda, entre a sociedade, o homem e a natureza. É esse contexto internacional, tão claramente definido por Vossa Excelência, que nos encoraja a promover a intensificação dos contatos entre nós.

Num mundo marcado por crises e apreensões, mas também pela consciência de que novas oportunidades para uma cooperação mutuamente proveitosa podem ser exploradas, nossos dois países se dispõem a aproximar-se, tomando por base uma longa tradição de amizade, para, através do diálogo e da compreensão, buscarem alargar a faixa em que os respectivos interesses e aspirações convergem ou coincidem.

Estamos plenamente conscientes, Senhor Presidente, de que o Brasil e o México são países complexos, com experiências nacionais diversificadas e de que, através de nosso diálogo, muito teremos a aprender.

O que há de semelhança entre nós seguramente facilitará o entendimento: a capacidade de realização do Brasil e do México, a disposição com que ambos os povos se engajam na porfia pelo desenvolvimento e a vocação, que em ambos existe, para integrar suas melhores tradições e suas mais lídimas aspirações políticas. Em nossos países, coexistem e pacificamente se mesclam diferentes grupos étnicos, de cuja contribuição para a nacionalidade muito justamente nos orgulhamos. São sociedades, a brasileira e a mexicana, em que se integram diferentes níveis ou horizontes históricos, e em que setores modernos de produção econômica e de pensamento convivem com áreas retardatárias. São, o Brasil e o México, países que lutam por um desenvolvimento autêntico, autônomo e voltado para a realização das potencialidades de seus povos.

O Brasil almeja desenvolver-se pacificamente. O povo brasileiro vive em harmonia com seus vizinhos e favorece soluções negociadas para as disputas internacionais. Os ideais do modo de vida ocidental fazem parte de nossa vida e de nossa história. Desejamos aproveitar os avanços científicos e tecnológicos à disposição da humanidade para resolver nossos problemas econômicos. Acreditamos seja dever das presentes gerações prover o País dos meios necessários para que as aspirações, justas e pacíficas, do homem brasileiro possam ser rápida e efetivamente atendidas. É esse o nosso desiderato e, essa, a nossa política. A experiência histórica que o México acumulou seguramente lhe dá condições ideais para compreender o sentido do esforço que o Brasil fez em prol da autonomia energética e do desenvolvimento nacional.

De há muito, acompanha o Brasil a atuação internacional do México em favor das grandes causas da humanidade. Já o Benemérito Juárez havia fixado em palavras proféticas, que vejo gravadas nesta sala, a principal diretiva da diplomacia mexicana: "Entre os indivíduos, assim como entre as Nações, o respeito ao direito alheio é a paz" — princípio esse que Vossa Excelência houve por bem reafirmar sem qualificações. A adesão invariável a esse princípio, que em nossos dias se traduz pelo respeito ao direito de autodeterminação dos povos e pela não-intervenção, confere à política externa mexicana a sua reconhecida maturidade e inegável consistência.

Juntos temos participado dos esforços multilaterais em favor do fortalecimento da paz e da segurança internacionais. Coincidimos na necessidade de fazer respeitar independência de todos os Estados, qualquer que seja o seu tamanho, qualquer que seja o seu poder. Concordamos em que,



Banquete em homenagem ao Presidente Lopez Portillo na "Hacienda de los Morales".

"Charreada", espetáculo equestre tradicional no México.



para o relacionamento amistoso entre os povos, é imprescindível a observância plena dos princípios da autodeterminação, da não-ingerência e do respeito mútuo. São estranhas à nossa índole as ambições de hegemonia e de preponderância, as quais rejeitamos com o mesmo vigor com que as repudiamos se partidas de outros países com relação aos nossos. Participamos da convicção de que o estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional é tarefa essencial e urgente, a fim de que sejam removidos os obstáculos internacionais que pesam sobre os países em desenvolvimento na sua pugna para assegurar a seus povos melhores padrões de vida.

O Brasil reconhece e valoriza o papel que o México tem desempenhado no âmbito latino-americano. Motivo de orgulho para nossos países é haver amplamente florescido, na América Latina, o ideal enunciado por Juárez, como demonstra o apego que nossa região tantas vezes tem demonstrado pela paz, pela cooperação e pelo respeito mútuo. Se a inclinação mexicana é, hoje, acercar-se ainda mais na convivência fraterna, veremos essa presença acrescida do México como uma tendência positiva, que, ao concretizar-se, contribuirá para o enriquecimento político de nossa região. E, com ela, sairá fortalecida a solidariedade latino-americana. A percepção de nossa comunidade de interesse aumentará rapidamente, como consequência mesma da cooperação em questões concretas de toda natureza.

No plano continental, considera o Brasil que o relacionamento interamericano apresenta múltiplos e variados aspectos, dada a própria diversidade que caracteriza os países do hemisfério. Não acreditamos que essa situação seja maléfica ou negativa. Pelo contrário, consideramos, em coincidência com o México, que a preservação dessa diversidade, a afirmação das soberanias nacionais e a resistência comum a quaisquer veleidades hegemônicas são e devem ser traços essenciais da política continental.

As questões de índole econômica e, especialmente, comercial, continuam a preocupar os países da América Latina. De um modo geral, ainda não cessou a tendência da queda na participação dos países latino-americanos e dos países em desenvolvimento no comércio internacional. Apesar de o problema estar perfeitamente identificado e apesar dos apelos dos países das diversas regiões subdesenvolvidas, pouco tem sido feito, em nível global, para reverter essa tendência. Esta é, no entanto, apenas uma das graves questões que, em conjunto, devemos confrontar, no plano internacional. Há outras, entre as quais não devo deixar de mencionar a da proliferação de medidas restritivas ao comércio dos países em desenvolvimento. O Brasil, que freqüentemente sofre dificuldades concretas nessa área, é particularmente sensível ao fato de que obstáculos externos, como os antepostos ao livre fluxo das exportações, em particular as de produtos industrialmente elaborados, continuem a prejudicar seriamente os esforços que, com grande sacrifício, temos feito para desenvolver nosso aparelho produtivo e para participar, em termos equitativos, dos benefícios da economia mundial. É nossa convicção que, para deter a onda protecionista, os Governos dos países desenvolvidos devem estar preparados, desde logo, a se comprometer internacionalmente a não impor novas restrições e, a mais largo prazo, a adotarem políticas internas de reestruturação industrial. Nesse reajuste econômico, os Governos dos países desenvolvidos devem levar em conta as aspirações dos setores de exportação mais dinâmicos dos países em desenvolvimento, que são justamente os mais diretamente atingidos pelas forças protecionistas.

Senhor Presidente.

Em quase todos estes temas, o Brasil e o México têm encontrado semelhantes as suas posições e têm cooperado eficazmente, sobretudo nos

foros internacionais, sejam eles os de âmbito universal, sejam os de âmbito regional como, entre outros, o Sistema Latino-Americano. Essa cooperação desejamo-la ampliada, ainda mais, no futuro. Temos todas as razões para acreditar que isso é o que ocorrerá.

No plano bilateral, são incontáveis as oportunidades de proveito recíproco que uma cooperação mais intensa entre nossos dois países certamente ensejará.

Sinto-me particularmente favorecido por haver podido, com a minha visita, servir a essa causa que é de ambos os nossos povos.

Ao agradecer a Vossa Excelência, em meu nome e no dos que me acompanham, a gentileza das homenagens que nos têm sido prestadas, desejo pedir a todos os presentes que a mim se unam em um brinde à Nação Mexicana, à amizade entre os nossos dois povos e à saúde e ventura pessoal de Vossa Excelência e da Senhora Lopez Portillo”.

Foram demorados os aplausos ao discurso do presidente Geisel. À saída, os dois presidentes saudaram a bandeira mexicana, depois de ouvirem, novamente, os hinos nacionais dos dois países.

4.º DIA DA VIAGEM – 17 de janeiro de 1978
*2.ª Reunião dos Presidentes Geisel e Lopez Portillo
No "Lenzo Charro Del Pedregal"
O Presidente Geisel responde ao Regente,
Banquete em homenagem ao Presidente Lopez Portillo
Saudação do Presidente Geisel
O Presidente Lopes Portillo agradece*

A 2.ª Reunião dos Presidentes Geisel e Lopez Portillo

Eram 11h30m, do dia 17 de janeiro, quando o Presidente Ernesto Geisel chegou ao Palácio Nacional, para a segunda reunião com o Presidente José Lopez Portillo.

Desta vez o Presidente do Brasil levava uma pauta econômica, previamente elaborada pelos Ministros brasileiros Calmon de Sá e Shigeaki Ueki, e o encontro demorou 1 hora e 20 minutos. Nessa ocasião, o Presidente Geisel convidou o Presidente do México a visitar o Brasil. O Presidente Lopez Portillo aceitou o convite.

Após a reunião, como prometera no primeiro encontro, o Presidente Lopez Portillo levou o Presidente Geisel a outras salas do Palácio Nacional, para mostrar-lhes os murais do pintor Diogo Rivera, que contam a história do México. Durante 20 minutos o Presidente brasileiro apreciou as obras de arte do antigo Palácio de Montezuma.

Passavam das 13 horas quando o Presidente Geisel saiu do Palácio Nacional.

No Lenzo Charro Del Pedregal

Às 13h 30m, o Presidente Geisel e esposa desceram do carro, no clube de campo "Lenzo Charro del Pedregal" para ver uma "charreada", espetáculo equestre tradicional no México.

Acompanhados pelo Regente (prefeito) Carlos Hank Gonzalez, o Presidente do Brasil, sua mulher e comitiva instalaram-se no palanque ali armado para assistir ao espetáculo.

Os cavaleiros começaram suas exibições, das quais também constaram a derrubada de novilhos pela cauda e o laçamento de animais em disparada. O Presidente do Brasil declarou-se impressionado com a perícia dos cavaleiros.

A festa do "Lenzo Charro del Pedregal" transcorreu em ambiente informal e descontraído. O Presidente Geisel, foi apresentado com uma sela de couro e um enorme "sombbrero" branco, com o qual acedeu em ser fotografado.

Depois da "charreada", todos passaram para o interior do clube, onde foi servido o almoço. Uma orquestra de violinos tocava músicas lentas e românticas brasileiras e mexicanas, bem diferentes daquelas rápidas e vibrantes, com as quais a comitiva brasileira foi recebida, à chegada ao clube, pelos "mariachis".

Terminado o almoço, o regente Carlos Hank Gonzalez saudou os presentes, em especial o Presidente do Brasil, e após o brinde pronunciou algumas palavras, que tiveram em seguida o agradecimento do Presidente Geisel, em breve discurso.

O Presidente Geisel Responde ao Regente

Assim agradeceu o Presidente Geisel à saudação do Regente da cidade do México:

“Senhor Chefe do Departamento do Distrito Federal:

“Há em todo brasileiro uma espontânea simpatia pelo México e pelos mexicanos. Não obstante a distância geográfica que nos separa, é possível que tenhamos do México uma visão até mais clara do que a que possamos ter de outros países latino-americanos, mesmo mais próximos do Brasil. Nessa percepção, a Cidade do México se avulta em proeminência.

Sinto-me feliz e honrado por estar em terra rica de tantas glórias. Como Capital de um povo que a História marcou para o heroísmo, a Cidade do México, palco de tantas lutas pela independência e pela liberdade, é o próprio símbolo da alma nacional.

Rica de passado, a Cidade do México é, também, a bela promessa de progresso e de grandeza que o povo mexicano merece e constrói.

Povos como o brasileiro e o mexicano têm a virtude de fazer das tradições estímulo para a renovação construtiva, na contínua realização das imensas potencialidades do ser humano. No Brasil, não temos a inspirar-nos os episódios de grandeza de uma civilização nativa das mais avançadas de que se tem notícia.

Temos, em contrapartida, a experiência recebida em abundância, através de influxos variados de raças e culturas que se amalgamaram para criar o homem franco e tolerante que é o brasileiro hoje. Assim, em ambas as nossas tradições figura o elemento de síntese de civilizações que tanta variedade e percepção introduz na alma de nossos dois povos.

É, pois, com genuíno sentimento de fraternidade que nos regozijamos por este convívio com os mexicanos, nesta extraordinária Cidade do México.

A seu futuro formoso, à felicidade de seus habitantes e a Vossa Excelência, Senhor Regente, à saúde e ao êxito de sua missão, peço que bebam comigo, todos os presentes”.

Depois das despedidas, o Presidente Geisel, sua esposa e comitiva retornaram ao Hotel El Presidente Chapultepec, onde se preparariam para o banquete que o Presidente do Brasil ofereceria ao Presidente José Lopez Portillo, à noite, na “Hacienda de los Morales”.

Banquete em Homenagem ao Presidente Lopez Portillo

Na “Hacienda de los Morales”, o Presidente Ernesto Geisel e esposa aguardavam a chegada do Presidente José Lopez Portillo e mulher para o banquete em sua homenagem. Os homenageados chegaram às 21 horas. Reunidos em sala contígua àquela onde se realizaria o banquete, o Presidente Geisel entregou ao Presidente Portillo a Gran-Cruz do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira a personalidades estrangeiras.

Dona Lucy Geisel deu à mulher do Presidente Lopez Portillo um colar de ouro incrustado de águas-marinhas e, para suas duas filhas, conjuntos de brincos e anéis de águas-marinhas e turmalinas rosas. O Presidente do México recebeu um quadro de Glauco Rodrigues com cenas baianas. A esposa do Presidente Lopez Portillo presenteou a esposa do Presidente do Brasil com um colar de ouro maciço, e a senhorita Amália Lucy com um jogo de brinco e anel. O Presidente Geisel ganhou uma estátua de bronze, com uma cena de rodeio.

Depois que as autoridades tomaram seus lugares na sala do banquete, a orquestra executou os hinos nacionais dos dois países.

Enquanto o jantar era servido, o artista Jair Rodrigues, sambista brasileiro, cantava, tornando o ambiente alegre e descontraído.

À sobremesa, o Presidente Geisel saudou o homenageado com breve discurso.

Saudação do Presidente Geisel

O Presidente Ernesto Geisel assim falou na "Hacienda de los Morales":

"Senhor Presidente

Não é um discurso o que pretendo fazer neste momento. Em nossos encontros nestes dias, já repetidas vezes fizemos declarações que levaram ao público de nossos países a profusão, autenticidade e profundidade de nossas coincidências.

Nesta hora, quase de despedida, prevalece, entretanto, o sentimento de profunda emoção que a cordialidade de nosso encontro causou em mim e em todos os brasileiros que me acompanham nesta histórica visita a vosso belo país.

Desde as primeiras da preparação de minha visita oficial, a nobreza e o calor humano, que são traços tão distintos do povo mexicano, envolveram-nos a todos os que hoje somos hóspedes do Governo de Vossa Excelência. Tais atitudes ficarão indelévels em nossa memória.

Senhor Presidente.

Em reconhecimento pelos dedicados esforços de Vossa Excelência em prol do estreitamento das relações entre os nossos países, quis o Governo brasileiro homenageá-lo concedendo-lhe o Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Ao fazer-lhe a entrega destas insígnias, desejo reiterar minha certeza de que, sob a lúcida, segura e dinâmica liderança de Vossa Excelência, o México exercerá cada vez mais com maior brilho o importante papel que lhe cabe no cenário internacional, como defensor e promotor das mais justas causas comuns aos latino-americanos, causas que são as mesmas do Brasil. Quero, também reafirmar a confiança que tenho na força da amizade brasileiro-mexicana e na contribuição que dela poderá resultar para o progresso dos povos latino-americanos em geral.

Agradeço, mais uma vez, a Vossa Excelência, aos membros do Governo mexicano e ao povo do México, a generosa acolhida que nos estão proporcionando.

Peço aos presentes que ergam comigo suas taças para beber à saúde de Vossa Excelência e da Senhora Lopez Portillo, à crescente prosperidade do povo do México e à perenidade dos laços de afeto que unem brasileiros e mexicanos."

O Presidente Lopez Portillo Agradece

O Presidente José Lopez Portillo assim agradeceu à saudação do Presidente Geisel:

"Excelentíssimo Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Excelentíssima Senhora Geisel, Senhoras e Senhores,

Sei que esta insígnia é oferecida pelo povo do Brasil ao povo do México, eu a recebo e saberei honrá-la.

Com este novo vínculo se confirma o que esperavam destas reuniões nosso Governos e nossos povos: avançar em nossas identidades e aproveitar, para complementá-las, nossas diferenças; encurtar as distâncias; comunicar-nos e transformar em esforços comuns os que agora são isolados e dispersos.

Como Vossa Excelência bem o disse, muitas afirmações temos feito, todas elas positivas. E com satisfação confirmamos que a etapa das declarações abstratas entre os povos latino-americanos, características talvez acusadas de subdesenvolvimento estão dando lugar às soluções concretas, às medidas específicas, aos convênios determinados, aos propósitos firmes. E isto eu comemoro especialmente no caso do Brasil, pela vasta potencialidade, pela riqueza dessa terra extraordinária.

Este encontro está por terminar. Devemos manifestar a satisfação de haver cumprido estas jornadas com resultados que amanhã se tornarão públicos. Mas entre eles quero sublinhar algo que considero fundamentalmente importante: no dia de ontem me impressionou a firmeza com que Vossa Excelência, Senhor Presidente do Brasil, afirmou a vigência e a riqueza dos direitos humanos. Assinalo isso pelas coincidências totais que neste ponto ontem também enfatizamos. Concluimos — e assim será formalmente dito — que se são importantes os direitos políticos, se fundamentais os direitos civis, existe algo que mantém todo o direito humano, sem o qual não se pode nem sequer o conceber: o direito ao que temos chamado de limites dignos do consumo do ser humano, a necessidade que ele tem de garantia de alimentação, de saúde, de educação, de direito ao lazer, de direito à alegria. Essas são as necessidades de consumo que temos de garantir como direito humano fundamental. Essa coincidência foi por nós enfatizada e agora quero fazer diante de sua honrada comitiva a expressão da profunda satisfação que o povo do México sente por isso, depois de ter cumprido estas jornadas que chamamos de “Jornadas Brasileiras”. Creio que ganhamos o direito de regressar às velhas, antigas concepções da filosofia latino-americana, das quais um de nossos grandes pensadores, dos poucos que temos a nível universal, Don José Vasconcelos, pensava, quando mergulhava no sonho de Bolívar, quando explorava as possibilidades de nosso espírito hospitaleiro, dizia que se, em algum lugar de nossa América, podíamos imaginar a síntese final, era precisamente no âmbito amazônico — saliente: sonhava ele — da raça cósmica, aquela que iria conjugar finalmente todos os matizes raciais para compor o ser humano, único e universal. E esse prodígio, a raça cósmica que todos sonhamos, que por ser americana é universal, está se materializando em seu povo mestiço e no nosso, que também o é. É a idéia fundamental da integração a conjunção de todos os valores, das melhores características para ir buscando o perfil definitivo do homem neste nosso belo planeta.

Este sonho de nossos pensadores, este sonho de nosso José Vasconcelos, me dá o direito, Senhor Presidente, de levantar minha taça e brindar para que nosso esforço de integração se realize e que avancemos sempre para aperfeiçoar, com nosso esforço de boa vontade, a nossa decisão de igualdade, com nosso propósito de eliminar diferenças, no encontro da raça cósmica, que terá sem dúvida na Amazônia sua morada.

Saúde, Senhor Presidente.”

Às 23 horas, a família Geisel recolhia-se aos seus aposentos no Hotel El Presidente Chapultepec.

Entrevista à Imprensa

Às 8h10m, do dia 18 de janeiro, o presidente Ernesto Geisel reuniu-se com a imprensa, no salão Las Fuentes, do Hotel El Presidente Chapultepec, para uma entrevista coletiva, acompanhado de sua comitiva.

Mais de uma centena de jornalistas estava presente, e as perguntas tiveram de ser às vezes agrupadas, em razão da exiguidade do tempo (o presidente reservara uma hora para a entrevista).

A entrevista teve início com a pergunta do presidente do Comitê de Imprensa, o jornalista Cornélio Franco, do Jornal de Brasília.

P — Ao final de três dias na cidade do México, o que foi mais positivo: a abertura de perspectivas de ampliação do comércio com o México ou o despertar para que a mentalidade latino-americana torne os nossos povos menos dependentes das grandes potências?

R — Ao terminar a viagem à Cidade do México, eu me dispus a realizar esta entrevista para dar aos jornalistas mexicanos e aos jornalistas brasileiros minha impressão pessoal do que representou esta visita, e como eu a avalio; e, em linhas gerais, indicar os resultados que ela proporcionou ou pode vir a proporcionar. Pretendo, nesta hora em que estamos aqui juntos, satisfazer-lhes a curiosidade neste sentido, na convicção de que todos assim estaremos colaborando para nosso objetivo comum.

A pergunta que o Senhor me fez é evidentemente muito complexa pois indaga o que foi mais positivo. Acredito que toda a viagem foi positiva. Foi positivo, no sentido do relacionamento bilateral, entre o Brasil e o México, como o foi no quadro mais amplo na América Latina. Verifiquei, com muita satisfação, que o presidente do México tem identidade de pontos de vista comigo, no sentido de que negociações multilaterais geralmente não conduzem a resultados práticos, objetivos. É mais conveniente iniciar as negociações no campo bilateral e estendê-las progressivamente, de modo que, ao longo do tempo, um conjunto de negociações bilaterais leve a um consenso que permita resultados no quadro multilateral. Vejam bem que a idéia da integração latino-americana, através de um grande número de organismos existentes hoje em dia, pouco saiu do campo teórico e retórico. Ficamos em bonitas idéias, enunciámos bonitos princípios, conversamos muito, mas no que se trata de concretização prática e objetiva pouco se tem realizado.

Há dois campos fundamentais que se entrelaçam: um é o político, o outro, o econômico. O quadro econômico hoje em dia adquire relevância extraordinária e é sobre ele que versaram nossas conversações. Dificilmente eu poderia dizer em quais das duas áreas os resultados foram mais positivos. Acredito que foram, no conjunto, positivos.

(A seguir, as perguntas passaram a ser apresentadas em grupos de três.)

P — (Do senhor Francisco Ríos Salinas, do jornal "Excelsior"): Senhor Presidente, qual a sua opinião a respeito da possibilidade de uma integração latino-americana, mesmo quando há divergências de ideologias nos regimes latino-americanos?

P — (Da Senhora Ada Hernandez, do jornal "El Heraldo"): Dentro do mesmo tema, há várias décadas se vem lutando pela chamada integração latino-americana. Nos diversos foros mundiais os representantes dos diferentes países afirmam o mesmo, ou seja, que são os interesses nacionais que impedem essa integração. Que opinião o Senhor Presidente Geisel tem sobre isso?

P — (Do Senhor Victor Cazares, do jornal "El Nacional"): Há realmente um desejo, entre os governantes latino-americanos, de chegar à integração latino-americana?

R — Todas estas perguntas versam sobre o problema da integração latino-americana. Se bem entendi, de um lado se pergunta se os aspectos ideológicos, divergentes muitas vezes, não constituem um obstáculo a essa integração; de outro lado, se também os interesses nacionais não prejudicam a integração, e por fim se o Brasil deseja essa integração.

Há pouco já abordei este problema. Todos nós desejamos a integração mas temos de convir que ela não é fácil. E a prova de que não é fácil é que estamos trabalhando há muitos anos neste sentido. E quando se fala de integração, evidentemente não se pode pretendê-la completa; ela não pode abarcar todos os domínios e com toda a profundidade. Tem que ser feita respeitando as diferentes nacionalidades; ela tem que respeitar as peculiaridades de cada uma das nações que constituem a América Latina, a sua soberania, a sua autodeterminação, a sua independência, seja país pequeno, seja país grande. Tem que respeitar, também, o sistema ideológico. Admitimos hoje em dia diferentes ideologias. Todos nós entendemos, e procuramos ser, nas melhores condições possíveis, democratas; mas a democracia não é uma só. Ela varia inclusive com a natureza e a mentalidade do povo. Acho que a democracia que se pratica no Brasil, ou a que se pratica no México, não é a mesma que se pratica nos Estados Unidos, nem a que se pratica na Alemanha. Há peculiaridades próprias que influem nesse sentido. A integração que procuramos, com a qual sonhamos, e pela qual trabalhamos tem suas limitações, tem seus contornos, e não pode ser uma integração absoluta; é um caminho que se abre, é um rumo que se fixa, é o objetivo que se pretende alcançar. Temos de estar convencidos de que ele só será atingido lentamente e ao longo do tempo, porque os obstáculos e as dificuldades que se antepõem à integração são de dupla natureza: de um lado, somos nós mesmos, nossos próprios países, cujos interesses e circunstâncias por vezes a dificultam; de outro, é o resto do mundo, a quem também muitas vezes não interessa que a integração se efetive. Acho que, por mais difícil que o problema se apresente, ela não deve ser abandonada. Ao contrário, todos devemos interessar-nos e trabalhar no sentido de realizá-la no menor tempo possível e nas melhores condições para todos.

P — (Do Senhor Fábio Peres, da "Rede Globo"): No comunicado conjunto a ser divulgado daqui a pouco, consta uma posição comum de Brasil e México em defesa dos direitos humanos. Qual a importância diplomática dessa manifestação e o seu significado específico para os países?

P — (Do Senhor Feichas Martins, dos "Diários Associados"): O Senhor propôs um pragmatismo e um ecumenismo para a política externa do seu governo. O fator ideológico tem constituído algum limite para a aplicação desses princípios?

P — (Do Senhor Haroldo Lima, da "Agência Folhas"): Há quem diga que um dos objetivos desta viagem, foi o de estabelecer uma frente ampla latino-americana para enfrentar as dificuldades dos países do Continente com os Estados Unidos. Isso é verdade?

R — O comunicado conjunto ainda não foi divulgado. Acredito que o jornalista que se refere ao comunicado conjunto e aos direitos humanos se tenha louvado principalmente no discurso que o Presidente Lopez Portillo pronunciou no banquete de ontem à noite, em que esse tema foi mencionado. Tem-se falado muito em direitos humanos. Acho que é o tema que está mais em moda no mundo hoje em dia. Constitui um dos temas básicos da atuação do Presidente dos Estados Unidos da América, o Presidente Carter e, como é natural, com a influência que os Estados Unidos têm no mundo, o tema se divulgou e todos nós hoje em dia falamos em direitos humanos. Esses direitos estão consagrados pela Organização das Nações Unidas, foram aprovados pelos diferentes países, inclusive o Brasil. E o Brasil, como os demais países, se empenha realmente em que esses direitos sejam preservados. A única divergência que temos com relação a outros é que achamos que cada país tem que cuidar desse seu problema e não se justifica a interferência de países terceiros na economia interna de cada um dos países por si. O Brasil tem preservado esse princípio, mas dá a ele uma conotação que não é exatamente aquela divulgada diariamente, inclusive através da imprensa. O conceito vulgar de direitos humanos se cinge a um problema de liberdade, sem se condicionar, entretanto, essa liberdade à condição fundamental de responsabilidade, e também se imagina uma conotação de direitos humanos exclusivamente com ideologias políticas. Entretanto não é isto, apenas, que constitui direitos humanos. Tenho ressaltado e destacado, inúmeras vezes, que no rol dos direitos humanos existem direitos básicos e fundamentais sem os quais a vida humana praticamente não existe. O homem tem como direito fundamental o de viver, mas viver com dignidade. Ele precisa ter educação, precisa ter saúde, precisa de ter alimentação, precisa ter habitação, precisa ter, sobretudo, condições de emprego que lhe permitam ter uma vida digna. É isto o que os países em desenvolvimento, como o Brasil — e acredito que o México — e aí coincidimos novamente eu e o Presidente Lopez Portillo, estamos fazendo quando nos procuramos desenvolver, quando lutamos para transformar o pouco potencial que temos em poder para que o nosso povo venha a usufruir de todos esses direitos. Para que esse desenvolvimento se realize — o que é uma tarefa extremamente penosa, sobretudo pelos recursos necessários — é que advogamos e pleiteamos uma modificação na estrutura econômica mundial. Achamos que os países desenvolvidos têm de apoiar, têm de ajudar e têm de encontrar fórmulas que permitam aos países em desenvolvimento apressar e acelerar seu desenvolvimento, ao invés de criar dificuldades para eles. Esse desenvolvimento que muitos pensam que apenas é econômico, na realidade visa ao desenvolvimento social. E com o desenvolvimento econômico e social, integrado com o desenvolvimento político, nós asseguramos ao nosso homem um melhor bem-estar, melhores condições de vida e — vou dizer-lhes sinceramente — uma melhor democracia. O Brasil, dentro desta idéia, de assegurar seu desenvolvimento, procura ter uma política pragmática e procura ter uma política ecumênica. Estamos integrados na América Latina. Há pouco falou-se no problema da integração. Esta integração não pode ser exclusivista. Vivemos num mundo que diariamente se torna cada vez menor. As distâncias diminuem em função da velocidade com que hoje em dia nos comunicamos. A idéia de integração latino-americana não exclui o interrelacionamento do Brasil com todo o resto do mundo. E aí vem o ecumenismo. Temos relações praticamente com todos os países — creio que o único país que presentemente está excluído de nossas relações é Cuba — e procuramos com eles manter boas relações políticas, sobretudo relações culturais e econômicas, dentro do objetivo comum de melhorar

as condições de vida e de trazer para o Brasil os melhores benefícios possíveis. Não creio que as ideologias tenham prejudicado sensivelmente esse pragmatismo e ecumenismo. Haja visto o comércio que o Brasil tem com a União Soviética, com os países do Leste Europeu, e cito mesmo o recente tratado comercial que assinou com a China.

Perguntam se um dos meus objetivos nesta viagem era analisar ou obter maior cooperação dos países latino-americanos em face de possíveis divergências ou de dificuldades com os Estados Unidos da América do Norte. Respondo negativamente.

Eu não creio que exista um conflito entre a América Latina e os Estados Unidos da América do Norte. É possível que os Estados Unidos, pela posição de liderança que ocupam hoje em dia no mundo ocidental, e preocupados com inúmeros problemas na Europa, no Oriente Médio e na Ásia, não dêem à América Latina a importância que ela já adquiriu hoje em dia no quadro mundial. É possível que as nossas relações não se exerçam com a intensidade que as deveria caracterizar. Isso, talvez em parte, também pela ausência de conflitos mais candentes. Temos, no Brasil, com os Estados Unidos da América do Norte, relações de amizade tradicionais, que vêm desde a nossa independência. Somos dois países que convivem e cooperam entre si desde essa época. Fomos aliados na Primeira Guerra Mundial e fomos aliados na Segunda Guerra Mundial. Não obstante, o que é um fenômeno perfeitamente natural, temos divergências. O fato de sermos amigos não implica coincidirmos em tudo. Temos divergências que procuramos, pelo diálogo, pela conversação, pelo entendimento, resolver. E quando não conseguimos resolvê-las, procuramos preservar nossa autonomia, nossa autodeterminação. Outros países podem ter maiores ou menores dificuldades nas relações com os Estados Unidos da América, mas acho que não devemos ver nos Estados Unidos um país antagonico. Ao contrário, devemos também fazer com que eles se integrem no conjunto da América.

P — (Da Senhora Norma Kerat, da "Televisa"): Qual foi o fundo político para o Brasil visitar o México? Foi apagar a idéia de liderança democrática do México na América Latina ou apagar a idéia de liderança do Brasil no militarismo da América Latina?

P — (Do Senhor Ricardo Ritter, de "Agência Latin"): Depois de sua viagem ao Uruguai, existe a possibilidade de um encontro com o Presidente Videla, da Argentina?

P — (Do Senhor Enrique Alvarez Manilla, de "Notimex"): A criação, em 1962, da cidade de Brasília, constituiu um grande feito em matéria de população. Que pensa o senhor sobre o crescimento populacional do mundo no ano 2000, e qual a solução que se pode dar ao problema da América Latina?

R — Vamos responder às perguntas por partes. Se bem entendi, a pergunta que a senhora formulou se refere à liderança, ao problema da liderança do México, ao problema de liderança do Brasil, no quadro latino-americano. Declarei, se não me engano à própria televisão daqui do México, ainda em Brasília, que o Brasil não pretende ser líder de nenhuma área. Por outro lado, tão pouco reconhece, dentro da América Latina, liderança de ninguém. Achamos que países grandes ou países pequenos na América Latina em nosso conjunto, têm que se tratar com igualdade. Embora sejam diferentes em tamanho, em potencial, em poder, o espírito latino-americano é, no sentido político, igualitário. Todas as nações têm os mesmos direitos e têm os mesmos deveres, e não há razão de preponderância de uma sobre a outra. No caso específico do Brasil, é comum a acusação de ser, o nosso País, imperialista, Remonta-se a épocas do passado, épocas

da conquista, em que o território brasileiro, pela ação de Portugal, se dilatou: procura-se atribuir ao Brasil um sentimento imperialista. Esta é uma afirmação feita com desconhecimento de causa. O Brasil possui um território tão amplo, tem tanto a fazer nesse território, para dar-lhe vida, para extrair dele os instrumentos e os elementos que podem ser postos a serviço do homem brasileiro, para melhorar-lhe a vida, que não se pensa e não se pode pensar em exercer qualquer ação ou pressão sobre países vizinhos. O Brasil está de tal forma ocupado consigo mesmo, em conquistar-se a si mesmo, que seria uma veleidade pensar em dominar ou conquistar qualquer outro país. A propósito, convém lembrar que o Brasil — e este talvez seja um fato original no mundo — tem dez vizinhos em torno de si, sem considerar a área marítima, que é também uma área de vizinhança, sobretudo com a África. São 10 países latinoamericanos, que vão desde o Uruguai até a Guiana Francesa, envolvendo o Brasil. Só não temos limites com o Chile e com o Equador. Pois bem, com esses dez países vivemos pacificamente, em harmonia, cooperando, convivendo como verdadeiros amigos. Claro que, de vez em quando, temos fricções, temos problemas, mas que procuramos resolver harmoniosamente. É o Brasil, por tradição, um país pacífico. Todos os seus problemas internacionais foram resolvidos mediante entendimento ou arbitragem. Temos fronteiras vivas. Com o Uruguai, por exemplo, temos uma fronteira de mais de 1.000 km, em que há cidades gêmeas — cito, como exemplo, Rivera e Livramento — separadas por uma avenida internacional e que vivem como uma única cidade; inclusive, trocam serviços, suprem, de um lado, as deficiências do outro. No comércio, nas áreas de lazer, na vida familiar, é como se fossem uma cidade única, embora uns falem português e outros falem o espanhol. Do mesmo modo temos cidades na fronteira com a Argentina, separadas pelo rio Uruguai, mas unidas por pontes, como Uruguaiana e Paso de Los Libres, em que se convive com toda a harmonia. O mesmo ocorre com o Paraguai, com a Bolívia. Em todas essas fronteiras vivas, sobretudo no sul do Brasil, os nossos povos se intercomunicam com absoluta harmonia. Também não vejo porque o México tenha que ser o líder na América. Todos nos ajudamos, no sentido de que possamos progredir. Quanto à pergunta sobre o Uruguai e o encontro com o Presidente Videla, lembro que este tema está fora do objetivo desta entrevista, que eu queria dedicar às relações entre o México e o Brasil. Entretanto, mesmo assim me proponho a responder. É possível o encontro com o Presidente Videla. Explora-se muito uma suposta rivalidade, um suposto desentendimento entre o Brasil e a Argentina. Quero desmentir isto. Brasil e Argentina são países amigos. São países amigos que vivem em paz há mais de 100 anos. O comércio que temos com a Argentina é dos maiores. O Brasil talvez seja hoje um dos maiores compradores da Argentina no comércio internacional. Os nossos povos vivem como povos irmãos. É claro que temos divergências. Há assuntos em que não concordamos e que procuramos resolver. Presentemente, há o problema, que está sendo examinado, referente a aproveitamentos hidrelétricos no Rio Paraná, decorrente da construção da usina de Itaipu. Mas não creio que sejam problemas de monta a ponto de tornar nossas relações com a Argentina extremadas ou impossíveis. Ao contrário, são problemas que surgem no dia-a-dia, justamente pela proximidade, pela interconexão entre os dois países, que são resolvidos sempre harmoniosamente. É possível que eu me encontre com o Presidente Videla. Não há nada programado nem previsto, mas é possível que eu me encontre com ele, como um qualquer outro presidente latino-americano.

A explosão demográfica é realmente uma questão muito grave. Enfrentamos este problema no Brasil, e em grande parte dos países da Améri-

ca Latina. Excluo naturalmente a Argentina e o Uruguai, cujas populações estão mais ou menos estabilizadas; sei que aqui no México este problema é muito sério. Parece que o México está com um índice de crescimento populacional acima de 3% ao ano. No Brasil, de acordo com o último censo, estamos com 2,7-2,6-2,7%. Este é um número que nos preocupa seriamente. Com este índice, a população do Brasil cresce em mais de dois milhões de habitantes. Ou seja, a população brasileira aumenta anualmente em um número equivalente à população do Uruguai. Se, por um lado, este fenômeno é interessante — porque todos nós gostamos de crianças, e as crianças são os jovens de amanhã, e os jovens de amanhã serão os homens de depois de amanhã, serão os que vão dirigir nosso país no futuro —, entretanto, este crescimento demográfico representa uma sobrecarga extraordinária. Estamos continuamente construindo escolas, para eliminar o analfabetismo e não criar novos analfabetos. Estamos construindo hospitais, estamos incrementando a agricultura, pecuária, para produzir cada vez mais alimentos. Temos que vestir e educar essas crianças, e, mais adiante, temos de achar-lhes empregos. No Brasil, temos de criar, por ano, cerca de um milhão de empregos. E embora o Brasil tenha extraordinária potencialidade, esta não é tarefa fácil. Abrir novas áreas para a agricultura, criar novas indústrias, criar outros serviços, para absorver esse milhão e meio de jovens que precisam trabalhar, é uma tarefa terrível para um governante. Posso-lhes afirmar que esta preocupação dá lugar a noites indormidas. Ai é que falta a compreensão dos países desenvolvidos, que poderiam cooperar melhor, poderiam ajudar-nos melhor, na tarefa de resolver esses problemas. Outra fórmula é a da limitação da natalidade. Esta é a fórmula que os países desenvolvidos adotaram e que, à medida que o povo se eduque, se vai realizando. Vejam bem que as classes mais favorecidas, as mais educadas, as que têm mais recursos financeiros, fazem seu planejamento familiar e limitam a natalidade. E são justamente as classes mais pobres, as doentes, as menos educadas, as que têm menos capacidade de trabalho, que têm famílias numerosas. E isto então significará, no sentido humano, quase que uma degenerescência? Nós achamos que a limitação da natalidade não deve ser imposta. Ela deve ficar ao arbítrio, ao desejo, à vontade do casal. É o marido e a mulher que têm que resolver seu problema. Mas eles devem ser informados sobre esta questão. E devem ter uma orientação de como realizar seu planejamento familiar. Este é o meu ponto de vista pessoal. Quero dizer que no Brasil isto ainda não está sendo praticado. No Brasil, de modo geral, há um decréscimo no índice do aumento da população, mas este é espontâneo, e, porque espontâneo, é muito lento. E se olharmos essa imagem do ano 2000, o problema talvez será muito sério e muito difícil se não começarmos desde já a pensar um pouco mais no planejamento familiar.

P — (Do Senhor Adroaldo Streck, de "Rádio Guaíba" de Porto Alegre): O Senhor falou no convívio fraterno de uruguaios e brasileiros ao longo de uma extensa fronteira. Que perspectivas o Senhor vê de colaboração como consequência de sua visita a Montevidéu? De colaboração regional?

P — (Do Senhor Alexandre Garcia, do "Jornal do Brasil"): O Senhor disse há pouco que apenas Cuba se exclui do convívio brasileiro. O Brasil estaria disposto a analisar novamente as relações com aquele país?

P — (Do Senhor José Fonseca Filho, de "Jornal da Tarde"): O Governo mexicano demonstrou algum interesse particular, ainda que preliminarmente, pelo problema nuclear brasileiro e suas possibilidades de aproveitamento da energia nuclear para fins pacíficos? De qualquer forma, o Senhor acredita que, neste campo específico, o Brasil poderá oferecer uma nova experiência aos demais países latino-americanos, a médio ou longo prazo?

R — A primeira pergunta também está fora de nosso temário. Ela se refere ao Uruguai e nós estávamos discutindo, e eu gostaria de discutir mais México e Brasil, mas vejo que as perguntas México e Brasil não estão interessando muito aos repórteres, talvez porque já conheçam tudo o que houve durante estes dias. Mas eu vou responder. Minha visita ao Uruguai é uma retribuição à visita que o Presidente Aparício Mendez me fez, há alguns meses. Relaciona-se principalmente à questão — cujo desenvolvimento se vai iniciar — do aproveitamento conjunto das águas do Rio Jaguarão e da Lagoa Mirim. Este rio é fronteira, é divisa entre os dois países. E a Lagoa Mirim é compartilhada pelos dois. Ali existe a possibilidade de execução de obras, visando, sobretudo, à irrigação da área. Milhares de hectares poderão ser irrigados, tanto num país como no outro, o que permitirá produção, extraordinariamente elevada, sobretudo de arroz. Vamos iniciar aí um segundo empreendimento bilateral entre países. Como fizemos primeiro com o Paraguai, em Itaipu, vamos executar agora esta obra com o Uruguai. Sempre numa demonstração de trabalho no interesse comum, compartilhando num sentido de absoluta paridade. Itaipu está sendo construída pelo Brasil e Paraguai, num sistema de 50% de um lado, 50% do outro. O Brasil financia a obra e o Paraguai pagará a sua parte, os seus 50%, vendendo energia ao Brasil. No caso da Lagoa Mirim, os trabalhos de irrigação e de um pequeno aproveitamento hidrelétrico, as despesas serão também divididas igualmente e o aproveitamento será igualmente na base de % para cada parte.

Não vejo, no quadro atual, motivos para que o Brasil modifique sua posição em relação a Cuba. Os países da América, exceto o México, cortamos nossas relações diplomáticas com Cuba; não temos com esse país relações de qualquer natureza. Não vejo, no momento, possibilidade qualquer de mudança. A nós nos preocupa é o desbordamento de Cuba fora de sua área. Devo, particularmente, registrar a presença de forças cubanas na África. O Brasil é um país que se interessa muito pela África. Por razões históricas, de um lado: sabe-se que no Brasil existe um contingente grande de população de origem africana. De outro lado, por afinidade lingüística, sobretudo com Angola e Moçambique, que foram antigas colônias portuguesas, e são países que têm tradições semelhantes às do Brasil. Finalmente, porque são países fronteiriços com o nosso, separados apenas pelo Atlântico — que aliás não separa, acho que nos une — e são países em que o Brasil poderá ter influência, poderá exercer cooperação, inclusive no sentido econômico, social, e, com esses fatores todos, ajudar, para elevar também o nível de vida nos países africanos.

Apresentei ao Presidente Lopez Portillo o ponto de vista brasileiro relacionado com a energia nuclear. Mostrei que o Brasil é um país que até hoje se tem servido de seu elevado potencial hidráulico. Graças aos rios e aos desníveis que esses rios apresentam temos conseguido praticamente nos abastecer de energia elétrica. Neste setor nosso desenvolvimento tem sido extraordinário, com a demanda de energia crescendo a taxas altíssimas. De um lado, em decorrência do desenvolvimento industrial, mas de outro lado pela melhoria das condições de vida da população, que, inclusive na área rural, está hoje em dia consumindo grandes quantidades de energia elétrica. Aquele potencial hidráulico, na parte Sul do País, está praticamente no limite de aproveitamento. Há poucas áreas em que se poderão construir novas usinas hidrelétricas. Resta a Bacia Amazônica, mas que é distante de nossos centros industriais e dos maiores centros de consumo. Aí, criarse-á entre nós um problema de transferência de energia, que pretendemos resolver, adotando métodos modernos de transferência através de corrente

continua e, de outro lado, de um sistema de interligação de toda a rede de energia elétrica no território nacional. É um empreendimento de vulto, que levará anos a ser realizado. Prevemos que, proximamente, se não conseguirmos ter maior êxito nas pesquisas exploratórias na busca de petróleo e na busca de mais e melhor carvão, se não tivermos a felicidade que o México teve de encontrar um potencial extraordinário de petróleo, teremos uma crise energética muito séria. Hoje em dia, apesar de ter elevado consumo elétrico de origem hidráulica, o Brasil consome 4 bilhões de dólares por ano na importação de petróleo. Se pensarmos no ano 2000 e nessa população toda que o crescimento demográfico vai nos trazer, precisamos de pensar em novas fontes de energia. Daí surgiu o programa nuclear brasileiro. Este programa, para não ser vulnerável como é presentemente o do petróleo no nosso caso, foi concebido como programa integrado. Temos jazidas de urânio, vamos beneficiar esse urânio, vamos fazer o combustível, enriquecendo esse urânio; vamos gerar nossa energia e, em seguida, os rejeitos serão reprocessados, para podermos visar ao melhor aproveitamento energético. É um programa integrado, completo, e que se caracteriza por ser um programa essencialmente pacífico. Há hoje em dia no mundo o receio da proliferação da arma nuclear. Mas o Brasil tem compromissos assumidos inclusive através do Tratado de Tlatelolco de usar a energia nuclear exclusivamente no sentido pacífico. E mais do que isto: o Brasil submeteu-se a todo o regime de salvaguardas da Agência Internacional de Viena, com a aprovação de países como a União Soviética, os Estados Unidos e assim por diante. Não nos furtaremos a todos os controles que forem necessários para se verificar o destino que vai ser dado a esses combustíveis, sobretudo ao plutônio, para que algum dia ele não possa ser desviado no sentido menos honesto ou menos humanitário para a fabricação de uma arma nuclear. Nosso programa é um programa essencialmente pacífico, que visa a atender às necessidades da população brasileira. É um programa indispensável, necessário. Não podemos viver no ano de 1978 só pensando nos dias de hoje. Há pouco, demonstramos preocupação pelo ano 2000 e lhes confesso que o Governo brasileiro pensa na solução do problema de hoje, mas também o projeta sobre o futuro e pensa na responsabilidade que tem para com toda a população brasileira que hoje em dia é de mais de 100 milhões de habitantes. E achamos que, no quadro atual, enquanto não se descobrem outras fontes energéticas, viáveis ou práticas, a que existe e que está ao nosso alcance é a da energia nuclear. Apresentei, com maiores detalhes, estas explicações ao Presidente Lopez Portillo, que as recebeu bem e concordou comigo que o Brasil está no caminho certo.

P — (Do Senhor Juan Rodríguez Rodríguez, do jornal "El Universal"): Publicou-se na imprensa do México que, entre os convênios comerciais e intercâmbios que há entre o México e o Brasil, existem alguns de caráter secreto, e neste sentido se destaca um de venda pelo Brasil de material bélico. É certo isto?

R — Não houve nenhum acordo secreto. Nossas conversações, minhas com o Presidente Lopez Portillo, foram assistidas por membros do Governo do México e elementos brasileiros integrantes da minha comitiva. Nós não falamos em matéria bélica. Pelo contrário, quando falávamos em assuntos bélicos, nos manifestávamos todos a favor do desarmamento. O México, como o Brasil, são ambos países pacifistas e nossa atuação nas conferências de desarmamento têm sido sempre no sentido de levar os países que estão armados até os dentes a se desarmarem no interesse da humanidade. Posso assegurar-lhe: primeiro, não houve, durante os acordos ou durante as conversações, nada de secreto, nada que não possa vir à

luz do dia com toda a inocência possível. Em segundo lugar, não se tratou absolutamente entre o México e o Brasil de qualquer assunto de natureza militar.

P — (Do Senhor Valdir de Póvoa, da revista "Veja"): Eu sou correspondente aqui no México da revista *Veja* e estou acompanhando sua visita há mais de dois meses. Durante os preparativos e nos dias de sua permanência aqui, eu não vi nenhuma referência a um eventual acordo de ordem cultural Brasil-México. Não se mencionou em nenhum momento este assunto. Gostaria de ouvir sua opinião a este respeito.

R — Já existe um acordo cultural entre o Brasil e o México. O comunicado que hoje vai ser assinado se refere também a este assunto e mostra a conveniência de desenvolver este acordo cultural, técnico e científico, e também no campo cultural. Uma das observações que foram feitas nas conversações com o Presidente Lopez Portillo, tanto da minha parte como da parte dele, é que normalmente — e isto ocorre muito na América Latina — fazemos acordos muito bonitos, escrevemos e registramos idéias e princípios e ficamos aí. Não vamos adiante, não vamos progredindo no sentido prático da realização. Somos mais teóricos do que práticos. Acredito que isto ocorra muito, no caso do México e do Brasil, no campo cultural. Acho que se poderia ter aí um desenvolvimento muito maior. O México tem uma cultura altamente desenvolvida. Tive ocasião de visitar seus museus, e assim por diante; acho que há um campo vastíssimo a ser explorado neste sentido. Acho que temos que partir de nossas linhas teóricas e entrar na realidade prática. A este propósito, permita-me mencionar, entrando agora no campo econômico, que eu assinalo ao Presidente Lopez Portillo que o nosso comércio, que ao longo dos anos era um comércio insignificante ou praticamente nulo, no entanto, cresceu sobremaneira a partir de 74 e 75, e sobretudo em 76. Em 76 o comércio chegou a mais de 350 milhões de dólares nos dois sentidos. Já em 77, esse comércio decresceu. A tendência da curva, que era ascendente, se transformou e tivemos um declínio. Acentuei-lhe que nós precisávamos realmente buscar o ponto sensível, a razão de ser de nosso comércio ter diminuído, quando nossas intenções eram aumentá-lo. Era preciso que verificássemos quais as pedras que estavam no caminho para removê-las. Em conseqüência, decidimos duas coisas que são de extraordinária importância: uma, é a abertura de créditos de valor bastante elevado em relação ao nível do nosso intercâmbio comercial, de pelo menos US\$100 milhões em cada sentido, que permitissem a nossos industriais, a nossos comerciantes, etc. comprar e vender com maior facilidade. Em segundo lugar, um instrumento que permitisse a conveniente utilização desses créditos num quadro econômico adequado com a agilidade necessária a quem trabalha em comércio e indústria. Isto seria obtido através de agências bancárias dos dois países que permitissem utilizar os créditos, prestar informações e assim por diante. Nesse mesmo sentido, acho que também no campo cultural devemos ver quais são as pedras existentes no caminho, para ver se as removemos.

P — (Do Senhor René Arteaga, do jornal "Uno Más Uno"): Depois desta visita e desta entrevista com o Presidente Lopez Portillo, em que rumo se fortalece e melhora a posição latino-americana do Brasil?

R — Eu creio que a posição latino-americana do Brasil se reforça com esta visita, sem dúvida, como também acredito que a posição do México se reforça. Acredito que a visita seja de interesse de ambos e que ambos colham resultados. Em matéria internacional não pode haver proveito para um só dos parceiros.

O proveito tem que ser recíproco. Ambos têm seus interesses satisfeitos. Que naquilo em que coincidem, possam levar esta coincidência aos melhores resultados. E, naquilo em que divergem, que encontrem caminhos para eliminar a divergência. Esta visita, no meu modo de ver, foi extraordinariamente proveitosa no sentido bilateral; foi proveitosa ao Brasil, foi proveitosa ao México. Sobretudo por nos aproximar, por fazer com que nossa amizade, que era muito teórica, se tornasse mais objetiva. Que a distância que havia entre nós diminuísse. Que nos entedêssemos não apenas na área do Governo, mas também na do empresariado. Trouxe comigo vários empresários do Brasil que durante estes dias conversaram com empresários mexicanos. Temos um ditado no Brasil, de que é conversando que as pessoas se entendem. Acredito que as conversas que aqui se realizaram foram todas elas no sentido de um bom entendimento. Ambos os países colheram proveitos. Proveitos no campo político, proveitos no campo econômico, no campo ecológico, mas também acho que a América Latina colheu resultados, pois quando dois países da América Latina, das dimensões do Brasil e do México, se aproximam, esta aproximação sem dúvida terá reflexos sobre o conjunto.

P — (Do Senhor Francisco Baker, do jornal "O Globo"): Agora que o seu governo chegou ao final, como é que o senhor vê a situação do Brasil no quadro internacional em comparação com a situação existente no início do seu período?

R — Acho que o Brasil fez bastante progresso no campo internacional. Em 1976, visitei alguns países da Europa. Estive na França, Grã-Bretanha e depois no Japão. Antes já tinha estado na Bolívia, no Paraguai, no Uruguai, na fronteira uruguaia. Agora tive contatos com o Peru, na fronteira peruana, e recebi várias visitas de Chefes de Estado. Ultimamente, do Presidente da Bolívia, e pretendo ir ao Uruguai. Tenho programada uma viagem à República Federal da Alemanha e, em todas essas visitas, em todas essas viagens, em todos esses contatos, creio que a posição internacional do Brasil melhorou. O Brasil se tornou mais conhecido, o Brasil apresentou uma imagem mais realista. Muitas versões, relacionadas com vida interna do Brasil, foram desfeitas. Por outro lado, o nosso comércio cresceu, o nosso desenvolvimento industrial aumentou. Apesar da crise do petróleo, no ano de 1977, graças a esses contatos, à política que adotamos e aos esforços que fizemos, depois de muitos anos passamos a ter um saldo positivo na balança comercial e conseguimos ampliar muito as nossas exportações.

Não só no campo econômico, mas no campo político, admito — e não vai nisto imodéstia da minha parte — que a atuação internacional do Brasil foi bastante desenvolvida. O País pode continuar a apresentar-se perante o mundo como uma nação que procura o desenvolvimento para o bem-estar da sua população, dentro do espírito pacífico de colaboração, de compreensão, e conforme a expressão que se usou há pouco aqui, de pragmatismo e ecumenismo.

Temos de encerrar esta reunião. Talvez existissem muitas perguntas que ainda me desejassem fazer. Procurei lhes dar uma imagem, com toda a sinceridade, do que penso e acho em relação ao que me foi inquirido. Quero lhes reafirmar a grande satisfação que tive nesta visita. De um lado pela amabilidade, cortesia e gentileza com que fomos recebidos e acolhidos; de outro lado, pela coincidência de pontos de vista que encontrei no Governo Mexicano e, por último, pela esperança que alimento de que esta viagem traga resultados realmente benéficos para os nossos dois países, que permitam ao México crescer e se desenvolver e que sirvam como exemplo a outros países da América Latina para que nos unamos cada vez mais, dentro

do nosso objetivo comum de construir uma América Latina mais coesa, mais integrada do que a que temos hoje. Muito obrigado a todos pela atenção que me deram.

Na Residência de Los Pinos

Por volta das 10 horas, o Presidente Ernesto Geisel chegava à residência de Los Pinos, onde o aguardava o Presidente José Lopez Portillo, para a assinatura da declaração conjunta e dos acordos concluídos entre os dois países.

Os dois mandatários sentaram-se à mesa. O Chanceler Santiago Roel leu o resumo dos acordos, que em seguida foram assinados pelos dois Presidentes. A seguir, leu a declaração conjunta, que o Presidente Geisel e o Presidente Lopez Portillo assinaram.

(A íntegra da nota conjunta e o extrato dos acordos estão no fim do volume.)

A seguir, os dois Presidentes trocaram um caloroso abraço, desceram para o jardim da residência, pelo qual passearam, mantendo amistosa palestra.

Do Palácio de Los Pinos, as comitivas seguiram para o Aeroporto Benito Juarez, onde verdadeira multidão aguardava o embarque do Presidente Geisel para o Brasil.

As Despedidas

Uma grande e ruidosa manifestação recebeu o Presidente do Brasil e sua comitiva no aeroporto. Grande número de trabalhadores tocava bumbos e matracas, uma orquestra de "mariachis" espalhava o seu som através de altofalantes, juntamente com um coro que gritava: Brasil! México! Brasil! México!

O Presidente Ernesto Geisel e esposa despediram-se de mais de 300 pessoas, entre camponeses, políticos, representantes de organizações operárias, parlamentares e ministros.

Ao terminar a fila de cumprimentos, foram executados hinos nacionais do Brasil e do México, e a seguir houve a salva protocolar de 21 tiros.

Os Presidentes Geisel e Lopez Portillo abraçaram-se no adeus final da visita. O Presidente Geisel subiu as escadas do avião presidencial e antes de entrar acenou um adeus para todos.

Eram 11 h 50 m quando o avião decolou do aeroporto Benito Juarez rumo ao Brasil.

Depois de duas escalas técnicas, uma em Mérida, como já o fizera na ida para o México, e a segunda em Curaçau, o avião presidencial seguiu direto para Brasília.

As 2 horas da madrugada do dia 19 de janeiro de 1978, o presidente Ernesto Geisel, esposa, filha e comitiva desembarcavam na Base Aérea de Brasília, onde eram aguardados pelos ministros militares do Brasil e altas autoridades do Governo brasileiro.

A Comitiva que foi ao México

A comitiva que acompanhou o Presidente Ernesto Geisel ao México estava assim constituída: Senador Petrônio Portela (Presidente do Congres-

so Nacional); Deputado Federal Marco Antônio Maciel (Presidente da Câmara dos Deputados); Embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira (Ministro das Relações Exteriores) e esposa; Ministro Ângelo Calmon de Sá (da Indústria e Comércio); Ministro Shigeaki Ueki (das Minas e Energia); General Gustavo Moraes Rego Reis (Ministro Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República) e esposa. Na cidade do México ela foi integrada pelo Embaixador do Brasil naquele país, Lauro Escorel Rodrigues de Moraes e esposa. Como convidados seguiram: Dr. Francisco Fonseca Moreira (Diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil); Dr. José Dion de Mello Telles (Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico); Comandante Manoel Abud (Superintendente da Superintendência Nacional de Marinha Mercante); Coronel Osiris Silva (Diretor da Empresa Brasileira de Aeronáutica); Dr. Fernando Roquette Reis (Presidente da Companhia Vale do Rio Doce); Dr. Fernando Antonio Roquette Reis (Presidente da Petrobrás Comércio Internacional S.A.); Dr. Domicio Velloso da Silveira (Presidente da Confederação Nacional da Indústria); Dr. Aluísio Marins (Presidente do Conselho de Não-Ferrosos de Siderurgia); Sr. Mauro Bento Dias Salles (convidado especial em homenagem à imprensa brasileira); Sr. Evandro Carlos de Andrade (também convidado especial em homenagem à imprensa brasileira); e Sr. Cornélio de Souza Lima Franco (Presidente do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto).

Seguiram também para o México: assessores do Gabinete Pessoal do Presidente da República, Ministro Jorge Carlos Ribeiro, chefe do Cerimonial; Coronel Wilberto Luiz Lima, Chefe da Assessoria Especial; Coronel José Maria de Toledo Camargo, Chefe das Assessorias de Imprensa e de Relações Públicas; Coronel-Médico Américo Soverchi Mourão, Chefe do Serviço de Saúde; Dr. Heitor Aquino Ferreira, Secretário Particular do Presidente da República. Membros do Gabinete Militar: Coronel-aviador Thales de Almeida Cruz; Coronel-aviador João Felipe Sampaio de Lacerda Júnior; Tenente-coronel Germano Arnoldi Pedroso; Capitão-de-fragata Luiz Sanctos Doring; Major Ibirá Fernando Serpa e Major José Plínio Monteiro. Membros do Ministério das Relações Exteriores: Embaixador João Hermes Pereira de Araújo; Embaixador Geraldo Egídio da Costa Holanda Cavalcanti; Ministros João Carlos Pessoa Fragoso, Adolpho Corrêa de Sá e Benevides, João Augusto de Médices, Marcos Castricto de Azambuja e Luiz Claudio Pereira Cardoso; Conselheiros Marco Cesar Meira Naslausky, Luiz Felipe Palmeira Lampreia e José Nogueira Filho.

APÊNDICE

Declaração conjunta Brasil-México

Extratos de acordos e convênios firmados com o México

Avaliação da visita segundo o Ministério das Relações Exteriores

A imprensa mexicana e a viagem

A imprensa brasileira e a viagem

Declaração Conjunta Brasil-México

A convite do Senhor Presidente do Estado's Unidos Mexicanos, Sr. José Lopez Portillo, o Senhor Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Ernesto Geisel, acompanhado de sua esposa, Senhora Lucy Markus Geisel, realizou uma visita ao México, de 16 a 18 de janeiro de 1978.

O Presidente da República Federativa do Brasil se fez acompanhar pelos senhores Senador Petrônio Portela, Presidente do Senado Federal; Deputado Marco Antônio Maciel, Presidente da Câmara dos Deputados; Embaixador Antônio Francisco Azeredo da Silveira, Ministro das Relações Exteriores; Sr. Shigeaki Ueki, Ministro das Minas e Energia; General Gustavo Moraes Rego Reis, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, e por outras autoridades do Governo brasileiro.

Durante sua permanência no México, o Presidente da República Federativa do Brasil recebeu as chaves da cidade das mãos do Chefe do Departamento do Distrito Federal, em uma cerimônia que se realizou no "Salão de Cabildos".

O Presidente da República Federativa do Brasil manteve ainda contatos com setores empresariais e personalidades representativas de várias associações mexicanas e dos meios de comunicação.

O Presidente do Senado Federal e o Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil foram recebidos pelo Presidente da Grande Comissão da Câmara de Deputados.

Os dois Chefes de Estado mantiveram amplas e amistosas conversações sobre diversos temas da atualidade internacional e de interesse mútuo. Analisaram, com particular atenção, a situação da América Latina e as relações entre ambos os países. Outrossim, os Ministros de Estado do Brasil, que acompanharam o Presidente Geisel, examinaram aprofundadamente, com os Secretários de Estado Mexicanos e outras autoridades mexicanas, os assuntos relativos às suas áreas de competência.

Ambos os mandatários reafirmaram a sua fé nos princípios da Carta das Nações Unidas e da Carta da Organização dos Estados Americanos. Estiveram de acordo ao considerar que os enunciados compreendidos nesses documentos são os melhores instrumentos para manter a paz e a segurança internacionais sobre as bases justas e equitativas. Ao reafirmar a sua convicção a respeito da validade desses princípios, coincidiram na importância da participação no Comitê da Carta das Nações Unidas e no fortalecimento da Organização, com o fim de modernizar e agilizar os mecanismos da mesma.

Ratificaram a sua convicção quanto à urgência do desarmamento universal, geral e completo, sob eficaz controle internacional, destacando a importância da primeira assembléia extraordinária sobre desarmamento, que se realizará este ano.

Ao examinar o estado em que se encontram as relações econômicas internacionais, os dois presidentes reafirmaram o seu desejo de continuar o processo de instrumentação da nova ordem econômica internacional, cujos princípios já foram definidos no âmbito das Nações Unidas, ordem que deve proporcionar condições favoráveis ao exercício efetivo do direito de

todos os países ao desenvolvimento econômico e social. Manifestaram profunda preocupação com o ressurgimento de medidas protecionistas adotadas pelos países industrializados, as quais afetam as exportações dos países em desenvolvimento.

Expressaram o interesse de seus governos pela modificação da presente estrutura econômica e comercial internacional e das normas que a regem, com o objetivo de facilitar o acesso dos produtos de seus países aos mercados dos países industrializados. Concordaram, ademais, quanto à necessidade urgente, para os países em desenvolvimento, de um tratamento especial e mais favorável por parte dos países industrializados.

Ressaltaram a necessidade de fortalecer a cooperação entre os países em desenvolvimento, como um dos elementos fundamentais para a consecução da nova ordem econômica internacional.

Ressaltaram a conveniência de que, através de mecanismos internacionais adequados, especialmente estoques de estabilização, de que participem tanto os países produtores quanto os consumidores, sejam assegurados preços justos e estáveis para as exportações de matérias-primas e produtos agrícolas dos países em desenvolvimento, de modo a proporcionar níveis adequados de remuneração aos setores dedicados à sua produção.

Os dois presidentes ressaltaram que são fundamentais os direitos do indivíduo à alimentação, saúde, moradia, educação e emprego, e que, para assegurar esses níveis mínimos aos povos dos países em desenvolvimento, é necessária uma nova ordem econômica internacional mais justa e equitativa. A esse propósito, reafirmaram a adesão de seus dois países à Declaração Universal sobre os Direitos do Homem.

Manifestaram a sua confiança em que a Conferência das Nações Unidas Sobre Ciência e Tecnologia alcance os seus objetivos e sejam criados mecanismos de cooperação internacional, para fortalecer a capacidade tecnológica dos países em desenvolvimento, para o que é necessário assegurar a esses o acesso, em condições favoráveis, às conquistas da ciência e da tecnologia.

Externaram a esperança de que a terceira Conferência da Nações Unidas Sobre o Direito do Mar alcance resultados positivos capazes de contar com a adesão universal. Congratularam-se com que, como resultado dos trabalhos que a Conferência realizou até o presente, haja sido consolidada, como nova instituição do direito do mar, a zona de 200 milhas. Ao mesmo tempo, convieram em que os dois governos continuarão, como até o momento, cooperando estreitamente para conseguir a adoção de instrumentos que, com apoio no fato de que os recursos do fundo dos mares além das zonas de jurisdição nacional são patrimônio comum da humanidade, assegurem a justa e equitativa participação dos países em desenvolvimento na exploração de tais recursos.

Reafirmaram a adesão de seus países ao princípio da soberania plena e permanente dos Estados sobre os seus recursos naturais, para promover o desenvolvimento econômico e social e o bem-estar dos seus povos.

Os dois Chefes de Estado expressaram a sua decisão de empreender esforços para lograr que, no maior prazo possível e conforme o solicitou a última Assembléia Geral das Nações Unidas, seja obtida a plena vigência dos protocolos I e II do Tratado Para a Proscrição das Armas Nucleares na América Latina (Tratado de Tlatelolco).

O Presidente do México expressou a esperança de que o Brasil considere a conveniência de dispensar os requisitos a que se refere o artigo 28, do Tratado de Tlatelolco, a fim de que o citado instrumento entre em vigor para o Brasil.

Por sua vez, o Presidente do Brasil assinalou que, havendo o Brasil assinado e ratificado o Tratado de Tlatelolco, já existe para o País, em decorrência das normas de Direito Internacional sobre a vigência de atos internacionais, a obrigação de não realizar ações que frustrem o objetivo e os fins do Tratado.

Os dois presidentes reafirmaram o direito que têm todos os Estados de utilizar, no processo de seu desenvolvimento econômico e social, a energia nuclear com fins estritamente pacíficos, sob salvaguardas internacionais adequadas.

No âmbito da cooperação econômica regional, reafirmaram a sua fé nos propósitos que inspiraram a Associação Latino-Americana de Livre Comércio e manifestaram o interesse em que os mecanismos de coordenação, cooperação e integração, instituídos sob a égide da ALALC, possam fortalecer-se e dinamizar-se. A esse respeito, assinalaram que a próxima Conferência de Ministros das Relações Exteriores, com preparação adequada, poderá trazer uma contribuição importante para a consecução de tais objetivos.

Assinalaram, ainda, a comprovada utilidade das formas de integração sub-regional e de cooperação, tais como o Acordo de Cartagena, o Tratado da Bacia do Prata, o Mercado Comum Centro-Americano, o Mercado Comum do Caribe e a Organização Latino-Americana de Energia (OLADE), para lograr progressos no processo de integração da América Latina. Nesse mesmo contexto, reafirmaram o seu apoio aos objetivos e disposições do convênio do Panamá, constitutivo do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA).

Os dois Chefes de Estado constataram que durante os últimos anos o intercâmbio comercial entre os dois países registrou aumentos muito importantes, porém sensivelmente inferiores aos que implicam no potencial econômico de ambos os países.

Para lograr maiores níveis de comércio há necessidade de:

A) — abrir novas linhas recíprocas de crédito e mecanismos que permitam o seu máximo e ágil aproveitamento;

B) — estabelecer, reciprocamente, agências de instituições financeiras de ambos os países, para apoiar e estimular as correntes de comércio;

C) — rever, pelas autoridades competentes de ambos os países, a situação atual dos fretes marítimos, com o objetivo de transformá-los em um instrumento de apoio e estímulo ao comércio mútuo.

Concordou-se, também, que aproximadamente se trocarão listas de produtos a serem promovidos pelos dois países. Acordou-se em realizar todos os esforços que estejam ao alcance de ambos os Governos, para remover as restrições administrativas que criem obstáculos ao comércio entre os dois países.

Convieram em dinamizar e incrementar o intercâmbio técnico e científico-tecnológico, com vistas a apoiar os programas industriais que se efetuem entre os dois países.

Convieram, ademais, em acelerar os trabalhos entre o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do México (CONACYT), com base no Convênio existente entre as duas instituições.

Reconhecendo as vantagens mútuas que resultam da plena utilização do potencial econômico de ambos os países, convieram em incrementar a cooperação econômica e financeira para apoiar os respectivos programas de investimentos, particularmente nos campos industrial, agrícola e de produção de matérias-primas. Ressaltaram, de modo especial, as possibilidades existentes para a produção de bens de consumo durável, intermediários e de capital. Determinaram recomendar aos órgãos competentes de seus res-

pectivos governos a realização de estudos sobre projetos de colaboração nos setores de mútuo interesse.

Com relação aos produtos energéticos, os dois presidentes tomaram nota, com satisfação, dos acordos a que chegaram a Petrobrás e a Petróleos Mexicanos, para ampliar sua cooperação e o seu intercâmbio. Ademais, concordaram quanto à conveniência de formular projetos para a realização de investimentos conjuntos no campo da petroquímica.

Os dois mandatários verificaram, com satisfação, que os contatos mantidos por entidades empresariais e homens de negócios dos dois países foram frutíferos e ressaltaram a sua importância como fator de estímulo ao desenvolvimento do intercâmbio comercial e industrial. Concordaram, nesse sentido, em prestar todo o apoio ao intercâmbio de missões comerciais entre um e outro país e em facilitar a participação em feiras e exposições comerciais e industriais que se realizem no Brasil e no México.

O Presidente do Brasil manifestou que o seu governo apoiará a iniciativa mexicana no sentido de criar, no âmbito da Organização Internacional do Café, um mecanismo de estoques internacionais de reserva, financiado pelos países importadores e exportadores membros da OIC, que atuem no mercado comprando e vendendo café, com o objetivo de estabilizar os preços do grão dentro dos limites previamente estabelecidos.

Os mandatários expressaram, também, a sua intenção de contribuir ativamente para o esforço que atualmente se empreende na Junta Executiva da OIC, para atualizar os preços mínimos para entrada em vigor das quotas de exportação de café, estabelecidos pelo convênio internacional do café de 1976, a fim de que correspondam melhor à realidade do mercado, aos atuais custos de produção e ao aumento contínuo dos preços dos produtos manufaturados que os importam dos países consumidores de café.

Dentro do espírito de cooperação que presidiu as conversações entre os dois Chefes de Estado, foram celebrados: um Acordo Básico de Cooperação Industrial, com vistas a propiciar a constituição de empresas mistas brasileiro-mexicanas; um convênio entre o Conselho de Não-Ferrosos e Siderurgia (CONSIDER), do Brasil, e a Comissão Coordenadora da Indústria Siderúrgica (CCIS), do México, sobre intercâmbio de informações e pessoal técnico; e um acordo sobre Sanidade Animal. No propósito de aperfeiçoar os meios de comunicação entre ambos os países, concordaram em que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Direção Geral dos Correios do México prosseguirão os contatos já iniciados para estabelecer um serviço de transporte de correspondência agrupada.

Considerando a rica e diversificada cultura do Brasil e do México, sublinharam as grandes possibilidades de intercâmbio que existem neste campo e concordaram em ampliá-lo.

Os dois presidentes manifestaram a sua satisfação pelos acordos alcançados durante as suas conversações e concordaram na necessidade de estabelecer uma ampla base jurídica para a colaboração entre o Brasil e o México e criar um mecanismo de consulta entre os dois países. Com esse fim, celebrou-se em sua presença um Convênio de Amizade e Cooperação, que estabelece os meios necessários para alcançar esses altos objetivos.

Ao finalizar sua visita, o Presidente Ernesto Geisel ressaltou a importância das conversações mantidas com o Presidente José Lopez Portillo e sua satisfação pela atmosfera fraterna em que se desenvolveram. Agradeceu ao Chefe de Estado, ao Governo e ao povo mexicano as gentilezas constantes que lhe dispensaram e que simbolizaram a inalterável amizade que une o Brasil e o México.

O Presidente Ernesto Geisel convidou o Presidente José Lopez Portillo a visitar oficialmente o Brasil em data a ser acordada mutuamente. O Presidente José Lopez Portillo aceitou o convite com satisfação.

Extratos de Acordos e Convênios Firmados com o México

Convênio de Amizade e Cooperação — Institui acordos por vias diplomáticas e a constituição de uma comissão mista visando a projetos econômicos e sociais, intercâmbio comercial, aperfeiçoamento dos meios de transporte e comunicações, também na área de serviço postal, cooperação técnica e intercâmbio cultural, científico, tecnológico e educacional.

Acordo Básico de Cooperação Industrial — Brasil e México comprometeram-se a promover investimentos conjuntos no setor industrial, principalmente na siderurgia, metais não-ferrosos, bens de capital, construção naval e máquinas e equipamentos para agricultura e processamento de produtos agrícolas.

Convênio sobre Não-Ferrosos e Siderurgia — O Conselho de Não-Ferrosos e de Siderurgia brasileiro e a Comisión Coordinadora de la Industria Siderurgica Mexicana celebraram convênio que objetiva a troca de informações técnicas e mercadológicas, com vistas à obtenção, cada 3 meses, "de dados utilizados sobre o mercado, os excedentes exportáveis e as necessidades de importação de produtos siderúrgicos, no Brasil e no México".

Acordo Sobre Sanidade Animal — Acordo para "propiciar o desenvolvimento do comércio do sêmen bovino do Brasil para o México". O Governo brasileiro selecionará, com técnicos mexicanos, suas centrais de inseminação artificial, que serão credenciadas para a exportação. Terá vigência de 5 anos, prorrogável por iguais períodos.

Contrato Para Venda de Amoníaco — A Petróleo Mexicanos Pemex e a Ultrafétil, Indústria e Comércio de Fertilizantes, empresa subsidiária da Petrobrás, assinaram contrato que estabelece a venda de 40 mil toneladas de amoníaco anidro mexicano ao Brasil, ao preço de 117 dólares por tonelada métrica embarcada.

Contrato Para Venda de Parafina — A Petrobrás concluiu acordo com a Petróleos Mexicanos (Pelmex), disciplinando a comercialização de parafinas macrocristalizadas que a empresa brasileira fornecerá à Pemex. A vigência do acordo é de 1 ano. Estabelece, quanto às parafinas, que serão fornecidas 18 mil toneladas anuais.

Avaliação da Visita Segundo o Ministério das Relações Exteriores

A visita do Presidente Ernesto Geisel ao México, atendendo a convite formulado pelo Presidente José Lopez Portillo, proporcionou o estabelecimento de uma nova estrutura no relacionamento político e econômico-comercial entre os dois países, os mais populosos da América Latina.

Reconhecendo a necessidade de estabelecer ampla base jurídica e política para colaboração entre os dois países e de criar um mecanismo de consulta entre o Brasil e o México, celebrou-se um Convênio de Amizade e Cooperação, e um acordo que estabelece inclusive os meios necessários para alcançar esses altos objetivos.

Em suas conversações, o que se reflete na Declaração Conjunta assinada na ocasião, os dois Presidentes, ao longo de franca troca de opiniões, identificaram amplas coincidências nas posições dos dois países. Reconheceram o princípio da soberania plena e permanente dos Estados sobre os seus recursos naturais, para promover o desenvolvimento econômico e social e o bem-estar dos seus povos. Assinalaram ainda o direito que têm todos os Estados de utilizar, no processo de seu desenvolvimento econômico e social, a energia nuclear com fins estritamente pacíficos, sob salvaguardas internacionais adequadas. Ressaltaram que são fundamentais os direitos do indivíduo à alimentação, saúde, moradia, educação e emprego, e que, para assegurar esses níveis mínimos aos povos dos países em desenvolvimento é necessária uma nova ordem econômica internacional mais justa e equitativa, e, nesse contexto, reafirmaram a adesão de um e outro país à Declaração Universal sobre os Direitos do Homem.

No campo econômico internacional, manifestaram profunda preocupação com o ressurgimento de medidas protecionistas adotadas pelos países industrializados, defenderam um tratamento especial e mais favorável para os países em desenvolvimento por parte dos países industrializados e concordaram na conveniência de que, através de mecanismos internacionais adequados, especialmente estoques de estabilização, de que participem tanto os países produtores quanto os consumidores, sejam assegurados preços justos e estáveis para exportações de matérias-primas e produtos agrícolas dos países em desenvolvimento.

No campo bilateral, e dentro do espírito de cooperação que presidiu as conversações entre os dois Chefes de Estado, foram celebrados um Acordo Básico de Cooperação Industrial, com vistas a propiciar a constituição de empresas mistas brasileiro-mexicanas; um Acordo sobre Sanidade Animal; e um Convênio entre o Conselho de Não-Ferrosos e de Siderurgia (CONSIDER), do Brasil, e a Comissão Coordenadora da Indústria Siderúrgica (CCIS), do México, sobre intercâmbio de informações e de pessoal técnico. Concordou-se ainda em que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Direção-Geral dos Correios do México prosseguirão os contatos, já iniciados, para estabelecer um serviço de transporte de correspondência agrupada.

Durante a visita, os Ministros de Estado do Brasil que acompanharam o Presidente Geisel examinaram aprofundadamente, com os Secretários de Estado e com outras autoridades mexicanas, os assuntos relativos as suas áreas de competência. Paralelamente efetuou-se uma reunião do Comitê Empresarial Brasil-México, em que foram discutidas as possibilidades de comércio e de cooperação entre os industriais dos dois países.

As demonstrações de simpatia e carinho com que foi recebido o Chefe de Estado brasileiro, o alto nível das conversações então mantidas e os resultados dos entendimentos a que se chegou bem demonstram a cordialidade que preside as relações entre o Brasil e o México e o amplo campo de efetiva colaboração que se abre aos dois países.

A Imprensa Mexicana e a Viagem

“El Heraldo” — Depois de dar uma foto colorida na 1.ª página no dia da chegada do presidente Geisel, com o título “Integração da América Latina Contra as Potências”, destacou trechos dos discursos dos dois presidentes. Em outra edição, referindo-se a que México e Brasil foram os países que mais empréstimos obtiveram no exterior, comentou: “Cremos que, efetiva-

mente, quando os recursos são manipulados com realismo, o endividamento não representa um perigo, mas sim um estímulo ao desenvolvimento”.

“**Novedades**” — Em editorial disse que o encontro entre os dois presidentes foi a “exaltação do direito dos limites dignos do ser humano, no que coincidiram México e Brasil”.

“**El Universal**” — Disse que a visita beneficiou a América Latina “porque, quando dois países como Brasil e México se aproximam, isso se reflete sobre o conjunto”, transcrevendo afirmação do presidente Geisel, e em editorial salientou: “A política de reconhecimento da soberania dos estados e o respeito pela evolução de sua situação política interna justificam plenamente a presença do mandatário brasileiro em nosso país, muito além das críticas daqueles que condenam o sistema político vigente nessa nação e as violações dos direitos humanos”.

“**Uno Más Uno**” — Jornal de esquerda, enfatizou trecho do discurso em que o Presidente da República afirmou que os valores que ambos os países defendem, de independência nacional, igualdade soberana, não ingerência e respeito mútuo, asseguram que o diálogo, iniciado agora, será frutífero para garantir um caminho de amizade e compreensão.

“**El Nacional**” — Comentou que o presidente Geisel “definiu sua presença no México como uma demonstração ostensiva de solidariedade e de comunhão latino-americana” e que “a visita de Geisel é o início de uma nova etapa nas relações entre o México e o Brasil, diante da oportunidade significativa de assentar bases sólidas e firmes para conseguir a integração latino-americana”.

A Imprensa Brasileira e a Viagem

“**O Globo**” — Deve constituir motivo de orgulho a entrevista concedida pelo presidente Geisel no México, disse esse jornal, destacando que a posição brasileira sobre o conceito de democracia, as iniquidades do relacionamento econômico entre os países ricos, os problemas energéticos, política nuclear, tópicos da fala do presidente Geisel com a imprensa “se tornam objeto de crescente interesse da opinião pública mundial”.

“**Jornal do Brasil**” — Mais importante do que os acordos firmados, os entendimentos conseguidos e encaminhados, e as entrevistas, discursos e comunicados que se multiplicaram era que se atualizassem as relações entre o México e o Brasil.

“**Veja**” — A viagem excedeu as expectativas mais otimistas — especialmente por se tratar da primeira de uma série e justamente a um país que não poucas vezes se manifestou contra os regimes militares latino-americanos, abrigando e ajudando seus exilados. O encontro dos dois presidentes acabou se tornando uma resposta às pressões da administração Jimmy Carter às vésperas da visita ao México de seu vice-presidente Walter Mondale.

“**Manchete**” — No instante em que o México começa a sair do fundo do poço, graças ao petróleo, que vai jorrando com fartura de seu litoral, o Brasil quer posicionar-se bem quando esse “boom” mexicano se tornar uma grande realidade daqui a pouco tempo; quer colocar bem perante ele a sua indústria aeronáutica, de construção naval, de abastecimento tecnológico, do sistema siderúrgico. Por isso, entre outras coisas, Geisel foi agora ao México.

